

Os objectivos da D. C. T. são sempre altamente humanitários e patrióticos;
—A D. C. T. será expoente da solidariedade social da Nação.

ANO V— N.º 98
DEZEMBRO

16
1 9 5 6



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44—LOULÉ—Tel. 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO—Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.—FARO—Telefone 154

E... Foi-se o Monumento

A leitura, nos jornais de 12 do corrente, da notícia de que o Conselho de Ministros resolvera, em reunião de 30 de Outubro e de 9 de Novembro, tendo em consideração todos os aspectos do problema, não erigir o monumento e desistir do mesmo no promontório de Sagres, foi, para os algarvios, um balde de água gelada. Tanto mais que, dias antes, fora noticiado estar o projecto em estudo no Laboratório de Engenharia Civil.

Queremos crer que os aspectos do problema considerados tenham evidenciado razões ponderosas e entendemos que quem manda manda bem, mas nada custaria uma pequena elucidação ao Zé cuja intervenção nos problemas da Governança é solicitada, de tempos a tempos, através do sufrágio. Merece-lo-ia e evitar-se-iam as suposições, talvez injustas, talvez estúpidas.

Dr. Mauricio Monteiro

POR, a seu pedido, ter sido transferido para a 2.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, deixou-nos há dias o nosso prezado amigo e estimado colaborador, sr. Dr. Mauricio Serafim Monteiro, desde 1922 Conservador do Registo Civil deste concelho e ultimamente também Presidente da Câmara Municipal de Loulé e da Junta de Turismo de Quarteira.

Na véspera da sua partida, um numeroso grupo de amigos do Dr. Mauricio Monteiro reuniu-se com ele num jantar de despedida servido pelo Café Avenida, tendo usado da palavra, aos brindes, para salientar os seus dotes de coração, de lhanza de carácter e de natural simpatia e os 34

(Continuação na 2.ª página)

Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida

AO completar 80 anos, quis este ilustre algarvio dar mais uma prova da sua dedicação e do seu carinho pela sua e nossa provincia, vindo celebrar, junto dos seus amigos e na própria terra em que nasceu, a vizinha cidade de Faro, a sua festa natalícia.

Assim, no dia 27 de Setembro último, reuniu-se no Hotel Aliança com as pessoas que com a sua amizade e consideração distingue, num jantar íntimo a que presidiu o sr. Dr. Luís Moreira, ilustre Presidente da Câmara de Faro.

Aos brindes e depois de ter sido lida a correspondência recebida, de entre a qual conseguimos registar os nomes dos srs. Eng. Manuel de Mascarenhas Galvão, ilustre Governador Civil do Distrito, que, tendo de ser

(Continuação da 5.ª página)



Natal

ESTÁ a terminar, com a culminante celebração do nascimento do Menino Deus, a quadra festiva do advento em que a cristandade se prepara para evocar a renovação da Humanidade, renascida no humilde presépio de Belém.

Desejariamos que, em cada um de nós e especialmente nos homens de governo no Mundo inteiro, florescesse aquele espírito de renovação que todos tornasse homens de boa vontade para quem, há perto de 2.000 anos, os anjos anunciaram a Paz.

Os homens, porém, negam—
(Continuação na 22.ª página)

'A Voz de Loulé'

A partir do próximo número inicia o nosso jornal uma nova fase da sua ainda curta existência: Passará a publicar-se semanalmente. E' a concretização de um vago desejo que há muito vinhamos acalentando. E dizemos vago porque na verdade receávamos esta mudança que, dia a dia, se vinha impondo, não para usufruirmos mais lucros, mas especialmente para melhor podermos servir a terra que nos foi berço e que amamos e muito desejamos ver progredir.

Queremos assim dar uma quota parte do nosso modesto esforço para que esse progresso se acentue cada vez mais.
(Continuação na 4.ª página)

D. Frei Francisco Rendeiro
OCORREU ontem mais um aniversário natalício de Sua Ex.ª Reverendíssima o Senhor D. Frei Francisco Rendeiro, Venerando Bispo do Algarve.

«A Voz de Loulé» apresenta a Sua Ex.ª Reverendíssima respeitosos cumprimentos de felicitações e formula ardentes e sinceros votos por que Deus conserve a Sua preciosa vida cada vez mais frutuosa em resultado apostólicos.

Aos nossos Assinantes

O próximo número de «A Voz de Loulé» sairá no dia 1 de Janeiro de 1957 e portanto no Novo Ano. Como é do conhecimento dos nossos estimados assinantes, a cobrança das assinaturas tem sido efectuada trimestral, semestral ou anualmente, conforme a localidade de residência, e sempre de harmonia com o ano civil.

Como as nossas possibilidades fi—
(Continuação na 19.ª página)

Emiliano da Costa



TEMOS pena que o aperto do tempo e o aperto do espaço, nos não permita, como era nosso desejo, dedicar uma página a Emiliano da Costa, sem dúvida o maior poeta algarvio hoje vivo.

As homenagens que Faro e Tavira lhe prestaram no passado dia 2, inteiramente merecidas, sinceramente prestadas e intensamente vividas por todos os muitos que rodearam o poeta, dizem bem da altura que o cantor da «Rosairinha» atingiu na poesia portuguesa.

Limitamo-nos a juntar a nossa voz a toda a imprensa algarvia que, mais próxima das celebrações do que poderíamos chamar «dias do poeta», traduziram o que de admiração e carinho disseram dele, em prosa e verso, nas jornadas de beleza em Faro e Tavira. Temos a consciência da insuficiência destas desluzidas palavras e de que deixamos em aberto, para com Emiliano da Costa, uma dívida.

Os nossos colaboradores

COMO já noutro lugar se diz, «A VOZ DE LOULÉ» vai passar a publicar-se semanalmente. Para quem não faça uma ideia do esforço e perseverança necessárias para fazer um jornal, é provável que essa mudança possa parecer de pouca importância. No entanto representa muito mais do que é primeira vista se pode pensar.

E porque a confecção deste jornal exige muito mais esforço e dedicação do que aquela que lhe podemos dispensar, não teríamos sequer pensado em alterar-lhe a periodicidade se, antecipadamente, não tivéssemos assegurado a indispensável colaboração de um grupo de amigos e conterrâneos que se prontificou a ajudar-nos neste ousado empreendimento.

Se bem que já algumas dessas pessoas tenham honrado esporadicamente as colunas deste jornal, pedimos licença para revelar aqui alguns nomes, para assim, mais directa e publicamente, lhes testemunharmos antecipadamente a nossa gratidão pela va—
(Continuação na 3.ª página)

A mensagem

dos trabalhadores de Portugal, de solidariedade para com o povo húngaro

NO dia 7 deste mês, foram os trabalhadores portugueses recebidos pelo Sr. Ministro das Corporações, Dr. Henrique Veiga de Macedo a quem entregaram uma mensagem assinada por milhares e milhares de operários, cam—
(Continuação na 3.ª página)

A delicadeza, uma virtude esquecida

Pela Dr.ª D. Maria Beatriz Serpa Branco

NUMA época em que a luta pela vida é cada vez mais áspera, o desprezo pelos interesses alheios vai ganhando terreno, para se afirmarem cada vez mais o egoísmo e o poder da força. E a delicadeza vai perdendo aquele sentido que verdadeiramente a distingue, para ir adquirindo, junto das massas, certo ar ridículo, impopular e fora de moda.

Na realidade, porém, a cortesia é das virtudes de maior actualidade, se entendermos ao papel que ela desempenha numa sociedade cheia de ares—

tas e atritos criados pelo exagero da afirmação dos interesses egoístas, quer esse egoísmo seja o do indivíduo, quer da raça, da nação ou até do grupo desportivo a que se pertence.

Quantas vezes atitudes indelicadas são responsáveis por um aumento grande de sofrimento, quer na pessoa que as sofre, quer até naquele que as pratica (se tem, é claro, sensibilidade para compreender o mal que fez.).

A vida moderna é já tão cheia de problemas e de an—
(Continuação na 11.ª página)

A FESTA dos estudantes louletanos

À semelhança do que se fez no ano findo, promovem os estudantes louletanos, no dia 29 do corrente, um grandioso baile de caridade, que promete ter este ano, um brilho excepcional.

Para isso contribuirá muito, o amplo recinto escolhido, na Rua Rainha Dona Leonor, que será artisticamente ornamentado e permitirá uma maior concentração de mesas, opti—
(Continuação na 3.ª página)

26 DEZ. 1956

ANO I
N.º 5
16 DEZEMBRO
1956



O que é saudade?

Contarelo de Miguel Serrano

E aquela figura que lhe trazia tranquilidade quando tinha medo e ficava como o vidro; e aquela figura que era luz de dia quando o escuro o afogava, deixando-o devoluto à imaginação, gemeu:

- Que saudade! Que saudade!
- E ele interessado, curioso, perguntou:
- O que é saudade, mãe? Que é saudade?
- nos seus olhos ficaram outros olhos, eternizados, molhados, ausentes.
- Saudade?... Saudade?... — e os olhos aumentaram e fugiram para um mundo muito fundo, muito fundo. Só um sol azul, o resto duma distância enorme.
- Que é saudade, mãe?... — muito baixo, dentro dele, como uma ressonância de qualquer som perdido.
- Já reparaste no sangue que o dia deixa no céu, quando morre?
- Já... às vezes.
- Pois talvez essa dor de sangue do dia seja saudade.
- Então, a mãe...
- Sim, filho, é essa dor de sangue que eu traço na alma desde que o teu pai...
- É do pai que tu tens saudade?
- Sim! Se eu morresse tu não tinhas saudade?
- Tinha. Mas quando o dia morre não volta outro, depois?
- Volta.
- Então já não tinha saudade outra vez, porque tu havias de voltar todos os dias. Se o não fizesses eu tinha o teu retrato para te meter dentro de mim, para matar a saudade. Não dizes que me pareço com o pai?
- E é verdade; és tal qual.
- Pois então mata também a tua saudade. Mete-me dentro da tua alma, que eu limpo essa nódoa de sangue que lá tens.
- Filho...
- Mãe... Mãe desculpa, mas a saudade não deve fazer sofrer. Mas tu estás a chorar? Sofres?
- Não, acredita. As lágrimas nem sempre são de dor.
- Ah! Ainda bem! Olha, eu penso que nós os dois somos a saudade do pai e ele é a nossa. Assim custa menos. O pai, tu e eu somos como o dia; morremos e nascemos, morremos e nascemos.

E a mãe não soube dizer mais nada.

Sabia que todas as crianças são a saudade do céu; que o seu filho, como todos os outros filhos pequeninos, são pirilampos de luz brilhando na terra.

Os nossos colaboradores

PRISMA não tem Quadro de Colaboradores. Nem terá... Todos podem colaborar nesta página literária, que tem apenas como ideal: servir a cultura pela expansão da cultura.

Os nossos colaboradores devem observar os seguintes requisitos:

- 1) Os originais devem ser enviados, sempre que possível, em duplicado e dactilografados.
- 2) E isentos de gralhas de máquina e de faltas ortográficas.
- 3) Pedimos que sublinhem, nos seus originais, os nomes de livros, jornais, autores, peças de teatro, filmes, etc. o que corresponde em tipo de imprensa, ao itálico.
- 4) O organizador de Prisma reserva-se o direito de burilar certas passagens dos originais enviados que considere de absoluta necessidade.
- 5) Toda a colaboração deve ser enviada

Saudação

Homenagem ao Poeta Emiliano da Costa

*Eu te saúdo, oh! Poeta
da vida que passa na roda da vida
aos borbotões, como o teu sol
de mágicos reflexos,
a espojar-se na terra algarvia,
iluminando a sorrir, o escuro dos corações...*

*Que alegria!... Que alegria!...
O passar de paisagens na tua poesia! ..*

*O sol a correr no horizonte
qual menino de branca bata
a fugir para a escola...
O mar dos poentes e das mães a chorar na praia,
dos barquinhos de papel e das caravelas,
o mar dos saipais e das marismas,
e das gaivotas
a voar no azul e a encher de verde
a tua poesia...
O afago do amor e a tortura da dor
num abraço irreal, mas eterno
pelos caminhos da vida...
Estoi... Tavira... todo o Algarve,
cantinhos donde a poesia
brota como as flores
no seio da primavera...
A Rosairinha, ai a Rosairinha
que passa ligeira e graciosa
deixando um rasto perfumado...
... pétala da rosa
que desfolhas
ao mundo encantado.*

*Erguei-vos taças de ouro e de cristal
e plantai bem alto, lá bem no fim do céu
a vitória da Morte, pelo cântico da Vida:
POETA, ÉS IMORTAL.*

Casimiro de Brito

Antologia

Metamorfoses

A Roberto Nobre

*Foi uma larva que se apoderou
De mim. Roeu, roeu... E aqui ficou.*

*Depois, imóvel,
Mas voando em alto sonho,
Fui achá-la, crisálida, no peito,
Dentro do Casulo
Que o meu bicho-de-seda me fiou.*

*Noites e noites silenciosas.
Cá no fundo,
Ouvi-a soluçar
«Eu quero luz»
— Num suplicante rogo.
Passaram tempos. Certo dia,
Senti rasgar-se o coração fechado
E um anjo abrir-me as asas cor de fogo!*

Emiliano da Costa

para o seu Organizador: Casimiro de Brito, Rua do Bocage, 140 — Faro.

E Amigos vamos todos colaborar no Prisma, página literária de A Voz de Loulé, ao serviço da Cultura Nacional.

«Prisma»

e a juventude algarvia

Por João Francisco Manjua Leal

NESTE Outono enigmático em que as atenções cansadas de tanto se concentrar parecem dispersar-se por mil e um assuntos, «Prisma de Cristal» apareceu como uma realidade, há muito aspirada. Para além do paradoxismo temporal, o certo é que o nosso suplemento literário [e apelo-o de nosso porque a consciência moral me grita que ele é de todos nós] surgiu a preencher uma lacuna, que há muito se fazia sentir. Não esqueçamos que aquele grupo [infelizmente, reduzido] de jovens algarvios que se interessam pelo problema Cultura, tinham que ir procurar além fronteiras provinciais o pão para saciar o espírito e mais ainda, encontrar a porta aberta que lhes permitisse entrar no campo do jornalismo eficiente.

O que é necessário, é que actividades congêneres se multipliquem e fecundem, como painel a mostrar aos túbios que nem só de transitoriedade vive o homem.

Confrange nos a maneira como por vezes, a incompreensão vem corroborar as actividades culturais, relegando-as para segundo plano, como letra morta, sem ter presente a certeza, que é o compute de conhecimentos, o abrir o cérebro à luz insana e verdadeira, gerada pela cultura.

Estou bem certo que a juventude algarvia, ciente das suas responsabilidades, colaborará de maneira activa no «Movimento Prisma», propagando-o, e manifestando a sua intuitiva e imediata adesão. E que em tudo se certifique e patenteie a nossa presença, fazendo do dia a dia um motivo de felicidade, procurando inculcar em cada cérebro a necessidade duma cultura.

A exposição «Trinta anos de cultura portuguesa» demonstrou-nos o muito que se tem feito. Muito há ainda a fazer!

E agora que surgiu algo de novo no aspecto panorâmico-cultural algarvio, algo que vem colaborar com a iniciativa oficial, é justo e humano esperar a mais acentuada boa vontade, nesta campanha de ressurgimento das artes e das letras nacionais, em que a pequena imprensa, ainda que lutando com as maiores dificuldades, tem desenvolvido uma acção de notar e compreender.

«A mais perigosa de todas as fraquezas é o receio de parecer fraco.»

BOSSUET

RECORTES

«HÁ, para um grande Poeta, alguma coisa mais triste do que ter «vivido pobre e miseravelmente e assim viver», como diz com tão pungente eloquência o espírito de Luís de Camões.

E' não ser compreendido, nem ainda depois de morto e justamente por aqueles que se apregoam herdeiros e intérpretes do seu pensamento. E' ter erguido um monumento que o futuro deixará eternamente vazio. É ter aclamado a glória e o génio dum povo, no momento preciso em que essa glória se eclipsa, em que esse génio vacila e, como uma luz prestes a apagar-se, lançando um último clarão já fumoso e triste, se extingue para sempre.

Há nações para as quais a Epopeia é ao mesmo tempo o epitáfio.

Antero do Quental

nota publi. em «O Almanaque literário e Charadístico» a prop. do Tricentário de Camões.

Os nossos colaboradores

MENSAGEM

(Continuação da 1.ª página)

liosa ajuda que prometeram dispensar-nos e estamos certos nos darão. São os Ex.ªs Senhores:

A. Santa Clara, Dr. Aires de Lemos Tavares, Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, António Augusto dos Santos, Dr. António de Sousa Pontes, Carlos G. Ribeiro, Ciriaco Trindade, Dr. Elviro Rocha Gomes, Joaquim Guerreiro, Joaquim Guerreiro Pereira, Dr. Joaquim Peixoto de Magalhães, Jorge Ramos, José Ferreira Torres, Major José de Sousa Nunes, Julião Quintinha, Luís Sebastião Peres, Dr. Manuel Mendes Gonçalves, Manuel Guerreiro Pereira, Dr. Mauricio Serafim Monteiro, Dr. Rocheta Cassiano, Raul Rafael Pinto, Dr. Sancho Brito, Sebastião Leiria, Dr. Virgílio Passos e Ventura José Rocheta Gomes.

Temos ainda a satisfação de podermos incluir no número dos nossos colaboradores a sr.ª Dr.ª D. Maria Beatriz de Castro Caroco Serpa Branco, cuja vasta cultura é penhor seguro duma colaboração que por certo irá agradar aos nossos leitores.

Trata-se de uma ilustre louletana pouco conhecida no nosso meio por ter retirado de Loulé ainda criança, mas que não esquece a terra natal.

Também digna de nota é a valiosa colaboração do nosso jovem conterrâneo sr. Casimiro de Brito, que, organizando uma página literária, valoriza o nosso jornal com a adesão de jovens que se estão lançando nas literárias, alguns dos quais são já autênticos valores.

A Festa

dos estudantes LOULETANOS

(Continuação da 1.ª página)

mamente servidas, e que devem ser reservadas com a devida antecedência.

Outro factor do brilhantismo deste Baile será o do concurso de duas excelentes orquestras garantindo música ininterruptamente.

Integrado na mesma festa, efectua-se também no dia de Natal, um encontro de futebol entre duas fogosas equipas recheadas de internacionais (da discussão) de algumas das mais famosas tentativas futebolísticas do nosso País.

Pelo altruísmo do fim em vista—dado que as receitas obtidas se destinam à beneficência—é de esperar que as iniciativas dos estudantes louletanos, merecerão a contribuição e compreensão necessárias para que resultem tão brilhantes quanto o merecem.

dos trabalhadores de Portugal

(Continuação da 1.ª página)

poneses e pescadores, de todos os recantos do País, manifestando a sua solidariedade com os seus martirizados irmãos da Hungria que, torturados pela violenta e opressora escravidão que a Rússia lhes impoz, tem erguido, à custa do seu generoso sangue, um imorredouro monumento à liberdade e independência da sua grande Pátria.

Do discurso com que Sua Ex.ª respondeu aos trabalhadores de Portugal, recortamos os seguintes períodos:

«Acabo de ouvir a expressiva mensagem que os dirigentes dos Sindicatos Nacionais, das Casas do Povo e das Casas dos Pescadores de todo o País endereçaram ao Senhor Presidente do Conselho, na qual se exprime nobremente a repulsa dos trabalhadores portugueses pelo criminoso atentado contra a soberania e os direitos sagrados de uma Nação.

Um povo inteiro, fiel a si próprio e intérprete dos mais puros valores humanos, bate-se, agiganta-se, cobre-se de glória na luta contra a opressão e a tirania. O mundo, surpreendido pelo exemplo sublime, tem acompanhado essa luta gloriosa com tal angústia que bem pode dizer-se ter

recuperado, dum momento para o outro, a noção do perigo que ameaça a liberdade do homem, a independência das Nações e tudo o que dá sentido verdadeiramente superior à civilização cristã».

«Milhares de homens e de mulheres verteram sobre a terra de Santo Estevão o seu sangue generoso».

«Os trabalhadores portugueses vieram a esta Casa — que é de todos — proclamar, com desassombro e clara noção das suas responsabilidades, que se solidarizam, de alma e coração, com os patriotas húngaros. Fazendo-o, os trabalhadores de Portugal dizem bem alto que são e serão sempre pelo direito, pela justiça e pela liberdade, numa palavra, por Deus!»

Este é, por certo, o sentido mais profundo da mensagem que acabo de receber. Transmitti-la-ei, com muito gosto, ao Senhor Presidente do Conselho.

Ele — grande e clarividente defensor dos supremos valores da nossa civilização — melhor do que ninguém a saberá compreender e sentir».

Confraternização

dos antigos professores

e alunos do Liceu João de Deus de Faro,

em LISBOA

UMA comissão de antigos alunos do Liceu de João de Deus, de Faro, residentes em Lisboa, presidida pela antiga aluna sr.ª Dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, tomou a iniciativa de promover a confraternização, em Lisboa, dos antigos professores e alunos do Liceu de João de Deus, de Faro, com um almoço, na «Casa do Algarve», que teve a presença de mais de duzentos convivas. Antes do banquete, foi rezada missa nos Jerónimos pelo Rev.º Padre João Soares Cabeçadas, por alma dos professores e alunos falecidos, efectuando-se a seguir uma romagem ao túmulo do patrono do Liceu, onde foi deposta uma coroa de flores.

Ecos de SALIR

No dia 26, em visita particular esteve nesta localidade Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve Visitou a igreja Matriz, onde apreciou as obras de reparação que ali se estão a realizar.

— No passado dia 26, o sr. José Silva Paulino, de 22 anos de idade, ao passar no sítio da Casa Branca deu uma queda de bicicleta, tendo ficado bastante ferido.

Pouco depois passava por ali no seu automóvel Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo do Algarve que trouxe o ferido ao consultório do sr. Dr. José Pereira da Rocha onde foi tratado.

— No dia 2, faleceu na sua residência, no sítio da Corte Neto desta freguesia o sr. António Sebastião, proprietário, de 78 anos de idade.

— Também faleceu com 62 anos de idade, a sr.ª Maria da Assunção Cavaco, residente no Vale do Algodouro.

C.

Em bairrismo, algo de novo existe hoje, sem vaidade:

«Voz de Loulé» — voz do povo que é sempre a voz da verdade

E... Foi-se o Monumento

(Continuação da 1.ª página)

do promontório não suportariam a construção, etc.

A primeira é estúpida, porque, se podia impôr o adiamento, não implicava a desistência da ereção no promontório de Sagres, a segunda é injusta, porque nem ao Algarve nem ao Promontório-Sacro caberia serem os expiadores de culpas alheias e a terceira... poria em dúvida as possibilidades da engenharia e da técnica, a deusa na nossa idade.

O monumento foi-se... mais foi-se de Sagres.

Sim, porque o que é definitiva não é a resolução de não erigir o monumento, pois que se o fôsse não era necessário especificar ou acrescentar a desistência de ser em Sagres. Se se resolvesse não levantar

ao Infante D. Henrique a memória a que tem direito, já se sabia que, não sendo em parte nenhuma, não podia ser em Sagres.

Por isso podemos afirmar, enquanto o laconismo da nota de imprensa não fôr esclarecido, que o Algarve foi, mais uma vez ferido. Ferido no seu orgulho em abrigar, em terra sua, o padrão em honra daquele que escolheu um bocado da sua terra, para meditar e executar os grandes sonhos de dilatar a Fé e o Império; ferido no seu legítimo interesse em acompanhar outras regiões, melhor fadadas, no desenvolvimento do seu património material, artístico e turístico; ferido, finalmente no seu brio por não ter merecido uma simples palavra justificativa.

Cremos que quem manda manda bem e que alguma razão ponderosa terá havido mas, sendo clara e cristalina como certamente é, bem nos podia ser apresentada—(a da desistência de Sagres, note-se) sem inconveniente de maior. Estas nossas palavras não envolvem rebeldia ou reparo mal intencionado, mas exprimem o sentir de todos nós, algarvios.

Nem se podia exigir que o facto ficasse sem reparos. Estamos tão já habituados a não ser ouvidos (nem achados) que não é de esperar senão desabafos conformistas e mesmo assim esporádicos.

Ofereça a sua esposa

uma Panela de Pressão

Poupará dinheiro...

Trabalho... Tempo...

As melhores marcas

aos melhores preços

Vendas a prestações

mensais de 47\$00

(PRESTO); 49\$00

(UNIVERSAL) e 58\$00

(Universal)

Agente em LOULÉ

Eduardo Correia

Telefone 82

«A VOZ DE LOULÉ»

recomende-a aos seus amigos

pa, que tinha a seu lado o sr. Major Mateus Moreno, Presidente da Casa do Algarve e Dr. Correia do Nascimento.

Foi uma festa cheia de espírito e de sã camaradagem, marcando pelo número e categoria dos convivas, muitos deles ocupando, hoje, destacados lugares de posição social no País.

Agradecemos o convite que nos foi enviado. — L. S. P.

José Domingues da Fonseca

SALIR



Agente Oficial

Telef. 16

Deseja a todos os seus Clientes e Amigos muito Boas Festas e as maiores prosperidades no Novo Ano

1956/1957

'A Voz de Loulé' Emiliano da Costa

(Continuação da 1.ª página)

Não o dizemos por vaidade, mas cremos que a existência de um jornal significa, para a terra que o possui, um elemento de alto valor que até certo ponto a dignifica e eleva no conceito dos seus cidadãos. E quer-nos parecer que Loulé, possuindo um jornal, dá uma prova de vitalidade e do desejo dos seus naturais de que a sua terra possua cada vez mais elementos de valor.

Iniciado sem pretensões, sem alardes, modesto, o nosso jornal tem conseguido num mar onde outros naufragaram.

Obstáculos surgiram no início e durante o percurso da rota traçada.

Porém, com perseverança e abnegação de uns poucos, com boa vontade e simpatia de muitos, as dificuldades têm sido vencidas.

Hoje, «A Voz de Loulé», está integrada na vida louletana e a sua leitura tornou-se em hábito.

Apesar de não oferecermos muito pretendemos preencher uma lacuna passando este jornal a semanário. Era uma imperiosa necessidade a que mais tarde ou mais cedo não podíamos furtar. Terras há de muito menos importância do que Loulé e, no entanto, de há muito possuem o seu semanário.

Assumimos um dever para com os louletanos.

Se bem que, com modéstia, estamos dispostos a levar por diante a obrigação que voluntariamente contraimos.

Porém, para que possamos cumprir a nossa missão, precisamos de continuar a contar com a boa vontade de todos os louletanos. Precisamos de poder contar com todos os assinantes que já temos e que esses mesmos nos ajudem a aumentar o seu número, para

que o nosso jornal se possa valorizar e contribuir desse modo para o engrandecimento desta nossa terra.

Após 4 anos de vida, vencemos as primeiras dificuldades e estamos olhando confiantes para o futuro.

Aperfeiçoar-nos é uma das directrizes. Pouco a pouco procuraremos fazê-lo, encetando novas etapas.

Com a simpatia, e boa vontade e tolerância de louletanos e não louletanos, que desejem auxiliar-nos com o brilho da sua colaboração ou, simplesmente assinando este jornal, continuaremos vencendo as dificuldades que se nos deparam, procurando transformar o hábito de hoje numa necessidade de amanhã.

Sempre com o mesmo intuito. Sempre com o mesmo objectivo: SERVIR LOULÉ.

E quer-nos parecer que servindo Loulé seremos úteis a todos os louletanos espalhados pelo mundo, muitos dos quais nos têm dirigido palavras de incitamento e gratidão pelo bem que lhes proporcionamos com o envio periódico deste pequeno jornal que representa, para eles, como que um fragmento da terra natal, que é tanto mais apreciado quanto mais longe os procura.

Por certo que muitos louletanos se terão desiludido por não encontrarem no «seu» jornal o que gostariam de ler ou por ele não corresponder aos seus anseios.

Pois, também nós não esta-

perdida», arrimada ao rio. Falou, no acto, o sr. Presidente da Câmara, Capitão Jorge Ribeiro, agradecendo o Poeta com um soneto lido pelo Dr. J. Magalhães.

A seguir houve uma sessão solene presidida, pelo sr. Capitão Jorge Ribeiro, illustre presidente da Câmara de Tavira e em que usaram a palavra os srs. Dr. Hernani de Lencastre, M.^{mo} Juiz de Direito em Faro e também poeta de rara sensibilidade, Dr. Elviro da Rocha Gomes, entusiástico admirador e crítico do poeta e o Dr. Jaime Bento da Silva.

Terminada a sessão, em que uma selecta assistência enchia o Teatro de António Pinheiro, foi servido, numa sala do Ginásio Club de Tavira um Porto d'honra em que usaram a palavra os srs. Drs. Teixeira Marques, Jorge Correia, Lyster Franco, Fernando Lopes, António Balté, Eduardo Mansinho, José Neves, Ernesto Figueiredo e o poeta Virgínio Pires. O Poeta Marques da Silva declamou alguns sonetos de Emiliano da Costa.

Falou também o Rev. P. Manuel Bárbara pároco de Estoi, terra de residência do Poeta.

Em Faro, as homenagens da cidade ao grande cantor da paisagem e da gente algarvia, Emiliano da Costa, iniciaram-se com a inauguração de uma rua com o seu nome, no Bairro da Horta do Pinto, pelas 11 horas. Falaram no acto o sr. Presidente da Câmara, Dr. Luis Gordinho Moreira e sr. Dr. José de Jesus Neves, professor do Liceu. Descerrou a bandeira que envolvia a lápide o maestro Rebelo Neves.

Pelas 14 horas, no Hotel Aliança, o almoço de homenagem a Emiliano

mos satisfeitos. Também nós gostaríamos que «A Voz de Loulé» fosse de facto um bom jornal, característica difícil de atingir num órgão de imprensa local, não para agradar a todos, que isso sabemos ser impossível, mas, pelo menos, que nos podessemos sentir satisfeitos pelo consenso da maioria. Mas não sabemos fazer melhor nem podemos fazer mais. A nossa vida profissional não nos permite dis-

[Continuação na 20.ª página]

(Continuação da 1.ª página)

da Costa reuniu muitos amigos e admiradores da obra do Poeta de «Saudade do Silêncio».

Aos brindes, falaram os srs. Drs. Lyster Franco, Arnaldo Vilhena, Maurício Monteiro, Hernâni de Lencastre, Rita da Palma, Bento da Silva Fernandes Lopes e António Balté e, os srs. Sotero Cabrita, Marques da Silva, Ramos Rosa e Tenente-Coronel José Dentinho.

O sr. Dr. Lyster Franco leu os telegramas enviados ao poeta. O sr. Dr. Joaquim Magalhães leu uma poesia do sr. Eng. Costa Mendes.

A noite, no salão nobre da Câmara Municipal, o Dr. Joaquim Peixoto de Magalhães, proferiu uma brilhante conferência sobre a obra do poeta.

A conferência foi ilustrada com recitativos de alguns dos seus poemas mais característicos pelos srs. Dr. Campos Coroa, Jaime Pires, Marques da Silva e João Dias Pires.

O jovem estudante Filipe de Brito executou um «corridinho da autoria do Maestro Rebelo Neves.

No final, o sr. Presidente da Câmara que representava o sr. Governador Civil congratulou-se pelo brilho atingido pelas homenagens ao grande Poeta do Algarve.

SONETO

a Emiliano da Costa

Emiliano:

— Anda comigo à horta,

Ouvir passarinhar os teus pardaís,
No claro azul do céu.

Abre-me a porta

Que traz os cacarejos dos quintais,

O brando sussurar dos olivais,
O rouquejar nessa ribeira morta,
O titinar do vento nos beirais,
Os histerismos duma azenha torta.

Depois, dá-me «mais luz» — às arrobadas,
A Luz que vem da Serra ou vem do Mar
Toda ensopada em Moiras Encantadas.

Emiliano:

— Além, de par em par,

Em algarvia, plena humanidade,
Anda a bailar a tua Mocidade!

Faro, na Festa do Poeta (Dez.º/56)

Rocheta Cassiano

Uma panela portuguesa que cozinha com presteza

PANELA DE PRESSÃO

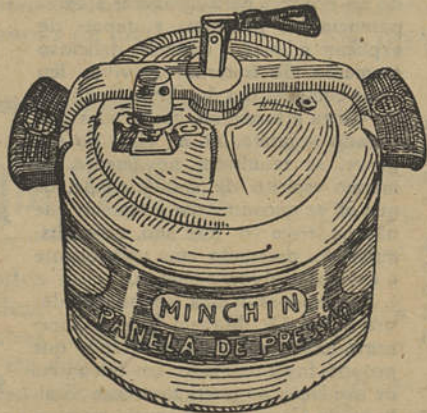
«MINCHIN»

RÁPIDA

SEGURA

ECONÓMICA

Peças sobressalentes incluídas no seu custo



Magnífico produto da indústria nacional

UMA RICA E ÚTIL PRENDA DE NATAL

Fabricada por estampagem em prensas de alta pressão ~ Alumínio de 99,5% de pureza ~ Isenta de elementos nocivos à saúde ~ Acessórios em aço inoxidável ~ Fundo com 4 m/m de espessura ~ Avisador especial ~ Válvula de segurança

A VENDA A PREÇOS ESPECIAIS NA

FEIRA DAS LOUÇAS

de Francisco Andrade Ferreira

RUA DAS FREIRAS (Próximo ao Tribunal)

O proprietário da

Alfaiataria Neto

Deseja aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos, Festas Alegres e um Novo Ano muito feliz.

No vosso interesse...

Não COMPRE... VENDA... TROQUE...

AUTOMÓVEIS OU FOURGONETAS

SEM CONSULTAR

Manuel Rodrigues Martins (Manuel Anica)

As melhores condições de preços
GARANTIA E HONESTIDADE

Em LISBOA—Rua General Simel de Cordes, 13-E
Em LOULÉ ————— Telefone 8

Uma iniciativa cultural do Município de Loulé

Por Julião Quintinha

VEJO, com prazer, que o meu velho e estimado amigo Dr. Mauricio Monteiro continua atento às predileções culturais dos tempos da juventude e procura transformar em realidades belas ideias sobre educação popular, aproveitando a sua passagem pela presidência do Município de Loulé.

Suponho que a recente e louvável iniciativa da criação de uma Biblioteca e Museu em Loulé é de sua autoria; e quero saudá-lo pela esplêndida ideia, que será de excelentes resultados quando for inteiramente realizada, e constitui belo exemplo, digno de ser seguido por outras Câmaras Municipais do Algarve, que ainda não possuam esses estabelecimentos de cultura.

Muitas pessoas falam da ignorância e do estado de atraso dos povos; mas poucas dão qualquer passo no sentido de valorizar, praticamente, a cultura popular; e ainda menos se dispõem a observar a alta função educativa que uma Biblioteca e um Museu podem desempenhar na elevação do nível intelectual das populações, ao mesmo tempo que concorrem para maior prestígio das vilas e cidades.

Felizmente, ao que me dizem, a iniciativa do Dr. Mauricio Monteiro foi bem recebida em Loulé; e, certamente, não lhe faltará o apoio espiritual dos que estão mais próximos dos problemas intelectuais, e o auxílio dos que se encontram em condições de o prestar. E nem outra atitude era de esperar de população tão progressiva e laboriosa, que timbra no amor à sua terra e possui os melhores pergaminhos históricos e de civismo, valorizando um dos mais importantes concelhos do País.

Nessa vila antiga e moderna, ampla, rica de comércio e de agricultura, onde tem florescido belas ideias e passa-

do espíritos superiores, ficará muito bem uma Biblioteca e um Museu, obra de cultura e de civismo, que os mais velhos louletanos irão engrandecendo carinhosamente e oferecerão às mais novas gerações, como valioso património espiritual.

Não basta, na verdade, a prosperidade material. É na grandeza de alma e na elevação do espírito que os povos revigoram a energia e apuram a inteligência para empreenderem as jornadas futuras e robustecerem consciência e personalidade. Para esta acção espiritual muito podem concorrer os livros e as obras de Arte, e por isso devemos desejar e estimar Bibliotecas e Museus com o respeito devido aos templos.

Muito se deve orgulhar Loulé por tal iniciativa, que desejariamos ver acarinhada e desenvolvida em outras localidades algarvias, para maior progresso dos povos. A terra do Algarve não é estéril para iniciativas desta espécie, nem o seu povo estranho às manifestações intelectuais, de Arte e Literatura, como tem afirmado em várias épocas, revelando a sua inteligência e a vivacidade do seu espírito em tantas e altas missões e fazendo-se notar até mesmo no estrangeiro em posições de relevo.

Foi, sempre, o Algarve uma terra de poetas, de artistas; e do povo humilde tem saído altos valores que se tem distinguido nas mais variadas profissões.

Proporcionar cultura ao povo, dar-lhe oportunidades de aumentar o seu saber e de satisfazer a curiosidade espiritual, é trabalhar a favor da nossa terra, da nossa gente, do seu progresso e do seu futuro.

Bem haja a Vila de Loulé por esta iniciativa, a juntar a tantas que aumentam os seus direitos de vir a ser elevada a Cidade.



Na data comemorativa do seu
5.º ANIVERSÁRIO, a firma

J. Vitorino & Pedro, L.da

Aproveita a oportunidade para agradecer muito reconhecidamente aos seus dedicados clientes e amigos a preferência com que a têm distinguido e deseja-lhes FESTAS ALEGRES e FELIZ NOVO ANO

Duas novas revistas A NOSSA ESTANTE Ecos de Boliqueime

A Cooperação

Sob a proficiente direcção de José da Silva Baptista apareceu à luz da publicidade uma nova revista que, sob o título em referência, se propõe ampliar a cultura, a especialização e o rendimento no trabalho, promover a valorização da qualidade e a disciplina no âmbito da produção e distribuição dos bens de consumo.

Interessando a todos que consagram à apreciação dos fenómenos económicos, os seus estudos, a nova revista pretende marcar lugar de destaque na informação e divulgação técnica das actividades económicas nacionais, vem magnificamente apresentada no aspecto gráfico, com rica colaboração de valiosos e conhecidos técnicos e deve tornar-se um precioso elemento de cultura no campo industrial, agrícola e comercial.

Desejamos à nova publicação, que é mensal, as maiores prosperidades pois vem remediar uma lacuna há muito verificada na nossa bibliografia técnica.

Esta util revista tem a sua Direcção na Rua Alves Torgo, 13—Lisboa.

Floronatura

Também em Lisboa iniciou agora a sua publicação esta interessante revista que será uma «Tribuna aberta a quantos almejam expor uma ideia, um problema pró-naturista».

O seu 1.º numero, que temos presente, vem recheado de curiosos artigos reveladores do valor nutritivo e terapêutico de várias plantas e de úteis ensinamentos sobre a sua aplicação.

Felicitemos vivamente o seu ilustre Director sr. Jorge Teixeira e o corpo redactorial pelo arrojado empreendimento a que se lançaram, fazendo votos pelas crescentes prosperidades de «Floronatura».

A sua redacção é na Rua Rodrigues Sampaio, 50-2. Lisboa.

Novela-Filme

DESTA colecção, apresentada por «Produções António Feio» a que já tivemos ocasião de nos referir, recebemos por amabilidade das mesmas Produções e através de um novo colaborador, mais dois números, os 14.º e 15.º, respectivamente intitulados «Gaby» e «O Cadillac de Ouro».

Trata-se de novelizações, em volumes de óptimo aspecto gráfico e interessante formato, muito ilustrados e com capas alusivas ao texto, de dois filmes recentemente projectados em telas dos principais cinemas da capital.

Muito agradecidos a «Produções António Feio» recomendamos esta colecção de que fazem parte volumes com novelizações de alguns dos melhores filmes da época, como «A rapariga do Rio Pó», «A colina da saudade», «A vela de Roma», «O Anjo Mudo» e «O Cisne».

Contos Tradicionais Portugueses

«INICIATIVAS Editoriais» (Avenida Rio de Janeiro, 6, cave, Lisboa) acabam de lançar «Contos Tradicionais Portugueses», apreciável colectânea que, depois de completa, constituirá uma das maiores riquezas do nosso património literário.

A obra, da autoria de Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira, ou melhor, coligida por eles porque o autor é o povo português, está a publicar-se em fascículos de 48 páginas, formato 17,5x25 profusamente ilustrados por Maria Keil, de que recebemos os dois primeiros.

Agradecidos a «Iniciativas Editoriais» pela amabilidade da oferta, recomendamos a obra que inclui contos extraídos de obras coligidas por

Em um dos últimos números de «A Voz de Loulé» o sr. Raul Pinto, num sucinto e judicioso artigo intitulado «Vida Rural» estabelece interessantes proporções e formula oportunas perguntas, para demonstrar que o progresso tem passado ao largo dos meios rurais, e sómente os meios urbanos têm beneficiado do desenvolvimento da civilização. É verdade.

A electricidade, por exemplo, é velharia, coisa comecinha que tem dado às cidades e vilas, há já um rôr de anos, riqueza e conforto inestimáveis. Aqui ainda temos o velho lampeão a bruxulear como na Idade Média! Mas felizmente já se estão a levantar enormes colunas que hão-de trazer também até cá o almejado fluido.

A água que se bebe, que a maioria da população desta freguesia bebe, é tirada pelo antigo e antihigiénico processo de chafurdo, com baldes dados aos focinhos dos animais e que servem nos mais variados serviços domésticos. Não oferece, portanto, nem garantias de sanidade.

Casas de banho, esgotos, nem pensar nisso!...

Ora quem estiver habituado a ter, com um simples premer de um botão, água, luz, música noticiosa; quem estiver acostumado às necessárias e salutar lavagens do corpo em boas casas de banho, dificilmente se conformará a viver numa aldeia desprovida de todas estas comodidades.

E talvez seja por esta carência de conforto que aqui se verifica que se encontra vago o lugar de médico Municipal deste partido de Boliqueime... C.

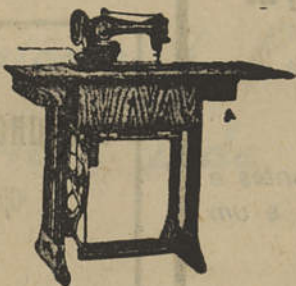
Teófilo Braga, Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos, A. Tomás Pires, Consigleiri Pedroso e Ataíde de Oliveira, a todos que apreciam o folclore nacional.—C. T.

PELO NATAL

Ofereça a sua esposa um brinde valioso e útil
Uma máquina de costura

TRIUMPH ou HAID & NEU

Uma maravilha da
indústria alemã!



Vendas a pronto
e a prestações

Não compre uma máquina de costura
sem visitar o STAND da

Sociedade de Máquinas Latino-Alemã, L.da
Rua 5 de Outubro, 88-90 LOULÉ

Cartas comerciais

A impressão do papel de cartas permite pôr em evidência a posição que uma firma ocupa no mundo comercial.

Por esta razão considera-se o papel de cartas como uma publicidade básica, uma especie de resumo da publicidade geral que pode conferir às notícias que se transmitem uma musicalidade peculiar que cativa o ouvido e personaliza uma firma entre as concorrentes.

A tipografia «Gráfica Louletana» está em condições de proporcionar ao seu papel de cartas um atracção gráfica apropriada expressando a personalidade do seu estabelecimento.

A Arvore do NATAL

só o será se fôr devidamente ornamentada

E para isso V. Ex.ª terá que comprar na

PAPELARIA LOULETANA

o que lhe fizer falta, pois é a única casa que tem tudo para esse efeito.

Grande sortido em Frutas cristalizadas, Bolos, Bolachas e Broas de fabricação esmerada

Licores e vinhos do Porto das melhores marcas

Cromos e postais para BOAS FESTAS e artigos próprios para árvores do Natal

Não compre sem apreciar a grande variedade do estabelecimento de

Manuel de Sousa Lopes

Telefone 100

LOULÉ



Feira das Louças

Francisco Andrade Ferreira

Cumprimenta os seus estimados
clientes e amigos desejando-
lhes Festas Alegres e um
Feliz Ano Novo

A

Pensão Joaquinita

Telefone 153

Cumprimenta os seus Ex.^{mos}
Clientes, desejando-lhes um
feliz Natal e um Novo Ano
repleto de prosperidades

Rogério de Sousa Martins

ALFAIATE

Deseja aos seus Ex.^{mos} Clientes
e Amigos um Natal Feliz e um
Novo Ano muito venturoso

Rua de Portugal, 9 - A

Calçado SAILE
(Fabricação manual)

CARLOS MARTINS ELIAS

Apresenta cumprimentos de Boas
Festas aos seus estimados
clientes desejando-lhes um
Ano Novo Feliz

Laginha & Ramos, L.da

OURO ~ JOIAS
P R A T A S
R E L Ó G I O S

Apresentam aos seus Ex.^{mos} Clientes
e Amigos cumprimentos de Boas
Festas, com votos de um Futuro
Ano muito Feliz.

Telefone 69

José Rocheta Morgado



Deseja a todos os seus Ex.^{mos}
Clientes e Amigos um Natal
Feliz e Próspero Ano Novo

Telefone 151

Esboços indefinidos

O sábio e o mendigo

DECORRIA o Carnaval — esse Arlequim, indumentado de mil e uma cores, com o cérebro povoado de sonhos sem par.

O Mundo subjugado ao seu império de fantasia e irrisão, convertera-se em Momo de el-rei D. Carnaval e descera à rua sob as mascaradas de melhor ou pior gosto imagináveis e possíveis.

Stuarts, Mendigos, Carments, Heróis, Antonietas, D'Artagnans — um infinito curso de figuras recortadas do passado, revividas, avivadas de marionetismo, animavam-se num conflito bárbaro de épocas, estilos, tradições e tudo mais...

Na corte de el-rei todos os figurinos tinham lugar, fossem axadrezados das trinta e sete mil cores da tragédia arquelinesca, fossem a imitação de certos pintores modernistas, colleccionando remendos do mais puro extravagante das indumentárias de mendigo.

Rico como Crésus, o Sábio quizer viver o «nirvana» do mais miserável dos Jobs que povoam a superfície terráquea do nosso planeta, e, sem hesitar, compôs à luz faiscante dos cristais, ferindo reverbos de prata, a sua caricatura de mendigo, e com ela partiu rumo à Vida, embuscando-se na floresta de ilusões que povoava a cidade monumental, de feição morena como uma cigana de farândula, pesada de granitos como uma milenária Cheops.

E assim vagueou durante os três dias de Carnaval, esquecido do Mundo, da Vida e dos Raciocínios...

Ao 3.º dia, porém, a necessidade, pela voz do estômago, falou-lhe enternecida e suplicante. Tivera fome...

Um pensamento acordou em seu cérebro. Mendigar, porta-a-porta, o pão amargo da desdita.

De lés-a-lés percorreu os mais sumptuosos palácios e arrogantes chalets de «Quinta Avenida», sem, contudo, conseguir que ouvissem o seu rogo.

Todas as portas se abriram, para logo se fechar...

Indignado contra o Mundo, o Sábio teve um pensamento — o seu Colega e verdadeiro amigo, que não lhe negaria esmola. Restava-lhe essa vingança...

Dirigiu-se à residência faustuosa e como insistisse em falar ao Sábio, titular da moradia, veio ele próprio receber o mendigo...

O Amigo, adivinhando-o, assim mascarado, riu a perder da sua triste figura. Açou que mascarar-se era loucura e nem atendeu sequer o Sábio, desiludido, que partiu pela artéria, desfazendo entre mãos, vagamente, a máscara — a alma da sua caricatura...

Só então o Sábio conhecera a fundo a Dor Humana...

Faro, 15/11/1956.

António Augusto Santos

Sebastião Garcia Domingues, L.da

Fazendas ~ Modas ~ Retroseiro

Cumprimentam os seus Prezados Clientes e
Amigos, agradecendo-lhes a dedicação
e preferencia com que os têm distinguido

TELEFONE 87

União de Camionagem de Carga, L. da



A todos os seus Estimados Clientes e
Amigos deseja Festas Alegres e um
Ano Novo Feliz.



Telefones 22, 140 e 226

LOULÉ

Feliz Natal e um Novo Ano
repleto de Felicidades, deseja
a todos os seus estimados
Clientes e Amigos

Manuel Guerreiro Fernandes

Ourivesaria - Relojoaria

João Martins Rodrigues

Solas e Cabedais

Deseja Festas Alegres e Feliz
Ano Novo a todos os seus
Ex.^{mos} Clientes e Amigos

O proprietário da

Drogaria LIS

Deseja aos seus estimados
Clientes Festas Alegres e
um Feliz Ano Novo

A

Sociedade de Mercarias do Sul

Deseja a todos os seus Ex.^{mos} Clien-
tes um Feliz Natal e que o Novo
Ano lhes seja portador de ventu-
rosas prosperidades.

Telefone 109

Manuel Filipe Laginha

Mercarias, Cereais, Vinhos e Frutos

Deseja Festas Alegres e Feliz
Ano Novo a todos os seus es-
timados clientes e amigos

Av. José da Costa Mouta, 60 a 66 — Tel. 24

Aldriano dos Santos Carapeto

Oficina de Ferreiro e Serralheiro Civil



Deseja Boas Festas e um Feliz
Ano Novo a todos os seus pre-
zados clientes e amigos

Síntese da Vida OLHOS

um livro de poemas do nosso colaborador

Manuel Pedroso Gonçalves

Por Luís Sebastião Peres

Não é uma crítica que vamos fazer a «Síntese da vida» que o nosso prezado colaborador Manuel Pedroso Gonçalves acaba de nos enviar à nossa mesa de trabalho, com gentil dedicatória: mas sim, dedicar-lhe algumas palavras justas e merecidas.

O nôvel Poeta que agora nos surge, —sabemo-lo— é um espírito vivo e inteligente, e disso, temos agora a prova de que assim é, o seu livro de poemas, um belo livro de versos: «Síntese da Vida».

Dele ressalta a certeza de que, Pedroso Gonçalves —também é jornalista — a dar-nos mais trabalhos seus com a marca do seu primeiro livro, irá certamente, muito longe enriquecendo o Mundo da Poesia nacional.

Escreveu Manuel Pedroso Gonçalves «Síntese da Vida», entre os seus 18 a 25 anos; pois que hoje conta 29 anos já feitos e, segundo nos afirmou, vai publicar no próximo ano outro livro.

Aluno bastante aplicado e estudioso, tirou os cursos de Contabilista nos Púlpitos do Exército e o da Admi-

Os modernistas portugueses

O último ramo de cravos

Cravos côr de arminho,
de côr macia e leve,
p'ra suas mãos de neve
de lírio e de linho.

Cravos côr de sangue
de côr voluptuosa,
para a vermelha rosa
da sua boca exangue.

Cravos de côr brilhante
cravos de luz e ouro,
que o seu cabelo loiro
é como o sol radiante.

Cravos de côr subtil,
cravos de côr discreta,
para o céu de violeta
do seu olhar de Abril.

Cravos negros de dôr...

... Pois sôbre o seu caixão
todos os cravos são
da mesma triste côr...

Jorge Ramos



nistração, na Escola do Exército, em 1945/46 e 1947/48, respectivamente.

Actualmente presta serviço na Manutenção Militar do Exército Português, com o posto de Capitão.

Jornalista de garra, pois colaborou e ainda colabora no «Diário de Coimbra»; «Diário Popular»; e nos semanários: «Correio do Ribatejo», «Linhãs de Elvas», «Correio Elvense», «O Despertar», «Gazeta de Catandueña», «A Caravana de Alcobaca», «A Voz de Loulé», «Jornal de Elvas» e na «Revista Viagem».

«Síntese da Vida» [como nos disse o Poeta] nasceu da compilação dos escritos entre os 18 e os 25 anos, para nos dar uma ideia da evolução dos conceitos que um rapaz (como tantos outros rapazes) pode formular a respeito da Vida em geral, como ele a viu através do prima da idade jovem.

E' ainda o autor de «Síntese da Vida» a dizer que, o seu segundo livro que vai publicar, reflectirá pontos de vista mais próprias da idade madura, cujo título será «Oasis».

Oxalá que assim venha acontecer — são os nossos votos — para que o Poeta surja em toda a plenitude dos seus reais méritos, que os possui de sobejo.

Em «Síntese da Vida» — um belo livro de versos como já atrás dizemos, — vimos o homem perante o homem e o homem perante a Vida, pois independentemente dos factores que diferenciam as personalidades fica sempre alguma coisa de comum ao «bicho-homem».

O Poeta, com o seu «Síntese da Vida», pretendeu expôr a consideração do público leitor os seus pontos de vista pessoais, na ideia de que embora discutíveis, possam lançar alguma luz sobre o que é a Vida.

Recomendamos a leitura deste pre-

que fazem sonhar

Olhos que fazem sonhar
A quem é órfão de sonhos,
Olhos mágicos, risonhos,
De doçura singular. .

Olhos que fazem rezar,
Com sua unção benfazeja,
Como, na paz de uma igreja,
As doces luzes do altar!

Pudesse eu deles falar,
Com tal vigor expressivo,
Que o meu divino motivo
Vivesse aqui, num olhar!

Mas esse brilho estelar,
Nada há, de certo, que o exprima.
Só pode a estranha obra-prima
A si mesma revelar. .

Olhos que fazem cantar,
Aqui, no verso, eu os canto,
Languindo no seu quebranto,
Vibrando no seu radiar!

Há nesses olhos sem-par
Uma carícia infinita,
Que acurinha a quem os fita,
Que vai sua alma abraçar!

Alguém que um raio de luar
Deles sentiu, como flecha,
Logo, abrasado, se deixa
Desses olhos empolgar!

E fica, louco, a pensar
Que aquela edênea carícia
A ele o segue, propícia,
Nos requebros de um olhar. .

Depois... descrença e pesar:
Esses celestes afagos
Não passam de brincos vagos
Desses olhos verde-mar. .

Olhos... não é de espantar
Que prenam tão doces sonhos,
Pois vêm de uns olhos risonhos,
Olhos que fazem sonhar!

Otoniel Beleza

«Síntese da Vida», livro que se impõe, como um trabalho vivo e palpitante, muito digno da inteligência do nosso considerado colaborador a quem, com a nossa muita admiração, apresentamos sinceras felicitações.

Ficamos ansiosamente aguardando pela publicação do «Oasis», que ficará a ser o «encontro de um «Oasis» no Deserto da existência do Homem.

Lisboa-Novembro/1956.

L. S. P.

Acção de Graças

Graças! Por tudo aquilo que amo nesta vida,
Graças! Por tudo que eu não amo mas existe.

Obrigado! Pela LUZ.
Obrigado! Pelas trevas.

Graças! Pela música que o vento me traz.
Graças! Pelo silêncio em que me concentro.
Por tudo que me cerca. E pela Paz
que pela vez primeira, sinto, dentro,

Graças! Por tudo quanto possuo.
Graças! Pelo que não possuo, mas desejo.
Graças! Pelo que avanço, em cada passo.
Pelo que dou em cada abraço.
Pelo que recebo em cada beijo.

Graças! Por tudo que ignoro.
Por tudo o que logro saber.
Pelo que não quero.
Pelo que imploro.

Graças! Por SER.

Pedroso Gonçalves

José de Brito Barracha

Oficina de caldeiraria

Cumprimenta os seus estimados clientes
e amigos, desejando-lhes Festas Alegres
e um Ano Novo muito feliz.

Adelino Francisco da Silva

Moagem de Cereais

Cumprimenta os seus prezados Clientes e
Amigos, agradecendo-lhes a dedicação e
simpatia com que o têm distinguido

MAQUINAS INDUSTRIAIS E AGRICOLAS — BOMBAS E GRUPOS

José de Sousa Pedro

AGENTE DE

Seguros «A MUNDIAL»

Pneus «MABOR»

Deseja aos seus estimados Clientes e Amigos
um Feliz Natal e um próspero Ano Novo

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

TUBAGEM E CANALIZAÇÕES — CORREIAS, MASSAS, ACESSÓRIOS

Todos os géneros de mercearias nos mais
finos sortidos e melhores qualidades

Chocolates
Bolachas

Bombons
Rebuçados
Farinhas

Variaíssimo
sortido em
doces pró-
prios para o
NATAL

António J. C.
Arez, L.da

Cumprimenta os seus Ex.^{ms} Clientes,
desejando-lhes Festas Alegres e um Novo Ano cheio de
venturosas prosperidades

MOTORES: DIESEL, ELÉCTRICOS e a PETRÓLEO

MOTO E ELECTRO - BOMBAS - TAPETES

V E R A

CHAMA-SE Maria Tereza.

Do tipo médio, proporcionada, tem como principais atractivos um busto bem modelado e um rosto miúdo, invulgarmente correcto, onde brilham dois olhos castanhos, muito vivos.

Naquela manhã, molemente recostada na areia duma praiazinha algarvia, deixava-se acariciar pelo ainda morno sol de Agosto, conservando, todavia, uma pose de artista de cinema em capa de revista, a qual evidenciava bem a perfeição do seu corpo que o fato de banho azul tapava, mostrando.

Na sombra, fazendo malha, e indiferente à admiração que a fi-

lha sempre despertava nos costumados basbaques, sentava-se a D. Esmeralda.

Cada vez mais aborrecida com os olhares descarados que ali dirigiam aqueles «meninos» com pretensões a homens que por ali se estiravam, a Maria Tereza levantou-se e, lançando à mãe um «Vou dar uma volta... já venho», lá foi caminhando dando-se ares de rainha descontente, enquanto monologava: «Estúpidos! Que maçada! não há meio de aparecer por aí um rapaz interessante com

Um conto por José Vicente

quem a gente se divirta um bocadinho... Isto está completamente insípido!».

Imersa nestas vitais reflexões, notou que o sol já ia aquecendo demais e que o corpo lhe reclamava o habitual banho refrescante. Optimo, pensou relanceando o olhar em volta e verificando que se tinha afastado um pouco da praia, e estando aquele sítio quase deserto. «Aqui não correi o risco de ser importunada por aqueles palermas». E, dando uma corrida, mergulhou, começando depois a nadar em direcção a um barquito ancorado não muito longe. Com um suspiro de prazer subiu para o barco, na mira de descansar tomando um banho de sol, quando se lhe escapou de boca ofegante um «Ah!!!» de surpresa: Estendido no fundo, um rapaz muito queimado e de bela aparência, sorriu, exibindo uma dentadura condizente. Depois de uns segundos a apreciar aquela Afrodite, que se esforçava por se equilibrar, levantou-se e ajudou-a a sentar-se, dizendo:

— Julgo que não tenho cara de papão... espero, por isso, que não faça outra vez esta expressão aterrorizada. Seria uma pena, apesar de me ter provocado o riso.

Refeita já, ela soltou uma risada um pouco nervosa:

— Não, que ideia! — disse — Surpreendeu-me a sua presença aqui. Acho que não tem cara de papão... e mesmo que o fosse... eu não me deixaria comer — acrescentou —.

Sorridentes, ainda que um pouco constrangidos, puzeram-se a olhar para o mar, embora se continuassem a observar pelo canto do olho.

— «Bonita» — pensava ele — «Se a mentalidade corresponder à beleza, é o meu ideal. Parece ser sossegada... e gosta de solidão...»

Ela: «Simpático, se bem que muito senhor do seu nariz... Agrada-me!»

De súbito os olhos de ambos encontraram-se e não puderam reprimir duas gargalhadas simultâneas, sem motivo, próprias dos que têm alegria de viver.

Com simplicidade ele continuou a conversa:

— Chamo-me António Fernandes. E você?

— Tereza... isto é, Maria Tereza...

— Vejo que gosta de andar só. E' estranho, isso, numa rapariga como você, atraente e...

Ela estendeu a mão, atalhando: — Por favor, não comece com galanteios que estou farta de ouvir e que detesto. Está bem?

Irónicamente, ele ripostou:

— Está enganada, Maria Tereza, se pensa que sou dos que, continuamente, distribuem açúcar às raparigas. Não. Eu apenas lhe dei o adjectivo de atraente e acredito que não passava daqui, por agora. Mas confesso-lhe que tenho um grave defeito: sou bastante sincero. Portanto, se tarde ou cedo lhe diria que a acho bonita, é melhor fazê-lo já. E tranquilize-se, porque não repetirei o disco.

— Ainda bem que é assim, — disse ela um pouco desconcertada pela seriedade com que ele falara, mas com um sorriso de vaidade satisfeita —. Sabe, uma das razões por que eu procuro solidão é não poder suportar certos rapazes que só sabem repetir os mesmos lugares comuns.

— Porém, para vocês, há sempre alguém que nunca vos aborrece, ainda que passe a vida a dizer-vos o mesmo, não é assim?

— Talvez... limitou-se ela a responder com expressão algo sonhadora —.

— Parece-me que a Maria Tereza já o encontrou. — comentou quase sério —.

— Quem sabe?! — foi a enigmá-

Fernando Laginha & Irmão, L.da

Ouro - Pratas Relógios

Os mais finos objectos para brindes de Natal



Cumprimentam os seus prezados Clientes e Amigos, agradecendo-lhes a dedicação e simpatia com que têm distinguido a sua casa

Transportes de Carga Louletana, L.da

Serviço de transportes de carga para todo o País

Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos desejando-lhes um Feliz Natal e um Ano Novo próspero

Telefones 17 e 30

LOULÉ

António Pereira Guerreiro

Mercearias ~ Cereais ~ Frutos Secos
Bons CAFÉS

Deseja Festas Alegres e feliz Ano Novo a todos os seus Ex.^{ms} Clientes e Amigos

Av. Marçal Pacheco, 14

Tel. 115

ALFAIATARIA *Paltis*

Bernardo Gonçalves Inácio

Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Alegres e um Feliz Ano Novo.

A

CASA MATIAS

Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Clientes, desejando-lhes um Novo Ano repleto de venturas

TELEFONE 210

Com os melhores votos de
BOAS FESTAS

Francisco Martins Farrajota & Filhos, L.da

Vinhos ~ Mercarias ~ Frutos Secos

Cumprimentam os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos



“Retiro dos Arcos”

Esmerado serviço de refeições

TELEFONE 211

Cumprimenta aos seus estimados clientes e amigos desejando-lhes Festas Alegres e Feliz Ano Novo.

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

tica resposta. E pondo-se rapidamente de pé: Vão sendo horas de regressar.

Dito isto, lançou-se à água, e ele, quase automaticamente, mergulhou também. Foram nadando lado a lado até à praia. Enquanto ela se sacudia, inquiriu:

— Posso acompanhá-la?

— Porque não? Com prazer.

Caminharam sem falar. Chegados ao toldo, a D. Esmeralda, quase sem levantar os olhos do seu trabalho, perguntou apaticamente:

— Então, Tereza, demoraste-te tanto?

Parecendo não ter ouvido, esta disse-lhe:

— Olha, mamã, apresento-te este rapaz: António Fernandes.

A boa D. Esmeralda concedeu-lhe um brevíssimo sorriso de amabilidade e continuou absorvida na sua malha. Santa serenidade a desta senhora!

— António dirigiu-se à Tereza:

— Vem para aqui depois do almoço?

— Sim, costumo passar aqui as tardes. Se quizer, pode aparecer, — disse sorrindo — e estendeu-lhe a mão.

— Virei. E apertou-lha —.

António foi para a pensão, a fim de almoçar. Durante a refeição, e mesmo depois dela, não deixou de pensar, quase sem dar por tal, na sua aventura matutina.

Foi com um certo alvoroço que, às 3 horas, se encaminhou para a praia. De longe, avistou-a no toldo, olhando para o mar, muita séria, com um livro na mão. Como sempre, a D. Esmeralda mergulhada na sua malha infundável, eternamente indiferente...

A Tereza recebeu-o gentilmente e convidou-o a sentar-se.

Conversaram por bastante tempo. Ela falou um pouco de si. Ele muito... dos seus projectos... da sua

vida. Inevitavelmente, falaram, por fim, de amor... em geral e em particular, e descobriram (coisa que muitas vezes acontece) que tinham gostos idênticos ou parecidos. Compreenderam-se, ou, o que vem a ser o mesmo, julgaram que se compreendiam... De si para si ele pensava que o leve coquetismo dela a tornava mais sedutora e que, aliás, todas as mulheres eram assim.

Em dado momento, esquecendo-se da presença da mãe — o que não se tornava difícil — pegou-lhe na mão, que ela não retirou e inclinou-se:

— Tereza! — murmurou —, quer ser a minha noiva?

Ela pôs-se séria. Olharam-se fixamente.

Precisamente nesta altura uma mão pousou num ombro dela. Levantaram a vista ao mesmo tempo e ela erguendo-se imediatamente, exclamou: — Pedro! Tu aqui!!! Mas afirmaste que não poderias vir!

— E' verdade. Consequi, porém, uma semana de férias, inesperadamente. — explicou, olhando para António.

— Oh! Desculpe, apresento-lhe o meu noivo: Pedro da Costa. António Fernandes.

— Após dois cumprimentos frios António dirigiu-se-lhes com expressão indefinível:

— Ia-me esquecendo que tenho um encontro combinado. Perdoem-me. Boa tarde...

José Vicente

ECONOMETRIA ALGARVIA

Pelo Dr. A. Sousa Pontes

A Econometria não é, como muitos podem supor, um capítulo moderno da Economia Política. Mas, porque a *formulação matemática das relações económicas e a sua comprovação estatística*, que define este ramo da Economia, sómente a partir do *New Deal* norte-americano, de 1931, se fez com maior intensidade, só ultimamente ela entrou nos estudos das nossas Escolas Superiores de Economia.

Quando alguns algarvios leem os números do valor económico da sua provincia, nalguns estudos por nós publicados, sentem uma certa ansiedade—eles que nasceram poetas, passaram pelos bancos dos liceus sendo poetas e continuam, quase sempre, a ser sonhadores...

Esquecem o respeito que aos números se deve, visto que já Pitagoras escrevera que eram eles que governavam o Mundo.

E no nosso País — é preciso não esquecer—quando, em 1928, o Professor Dr. Oliveira Salazar tomou posse da Pasta das Finanças, exigiu a todos os portugueses—governantes e governados—, o respeito pelos seus números, ou seja pelas suas leis de Contabilidade Pública.

Não é agora oportuno fazer o estudo da capitação dos rendimentos oriundos do Algarve, nem seremos nós os mais aptos para o fazer.

Lembramo-nos agora do ex-assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Dr. José Joaquim Laginha, nosso comprovinciano.

Mas, porque a Junta de Provincia do Algarve incumbiu o estudo dos problemas do fomento e coordenação dos valores económicos algarvios—art.º 311.º do Código Administrativo—sempre nos atrevemos a propor que sejam desenvolvidos estudos que anteriormente publicámos, esclarecendo agora algumas dificuldades existentes, para se conseguir o integral aproveitamento das riquezas algarvias.

Começamos hoje pela agricultura. O que tem impedido de pôr em execução as já estudadas medidas fitosanitárias de combate às pragas que desvalorizaram a nossa agricultura, tem sido a maneira de obter a receita necessária para fazer a respectiva despesa que se calcula em 2.000 contos anuais.

Como é do conhecimento geral, a Lei de Meios impede que as taxas cobradas pelos Organismos de Coordenação Económica possam ser agravadas ou que sejam criadas novas taxas, embora se verifique que a cobrança dos 2.000 contos por ano, redundaria em benefício para a lavoura algarvia, de várias vezes esta verba, uma vez que fossem postas em execução as medidas estudadas.

Basta dizer que na *Reunião internacional dos peritos na luta contra a mosca da azeitona*, realizada em Florença, em 1953, com a assistência de delegados portugueses, avaliaram-se as perdas médias anuais em azeite, nalguns países, como segue:

Itália, 25 %; Grécia, 30-35 %; Israel, 20-60 %; Jugoslávia, 20-40 %; Chipre, 15-20 % e Espanha, 5%. Este último é o país que se encontra mais adiantado no combate à praga que tanto prejudica a agricultura algarvia.

Por isso supomos não errar muito, calculando as perdas médias anuais do azeite, no Algarve, em 30 %, ou seja, cerca de 9.000 contos por ano! Qual será o prejuízo sobre os citrinos e outros frutos, assim como a que resulta da formiga argentina e de outras pragas na agricultura algarvia?

Convém, a este respeito, recordar o que disse em 1/10/1955 o director do jornal *«A Voz de Loulé»*, que é actualmente o vice-presidente da Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve, sob o título *«Acuda-se à fruticultura algarvia»*.

Esperam os algarvios, porém, que, dado o interesse manifestado pelo Governo da Nação ao promulgar medidas benéficas para a sua Provincia, como sejam, ainda ultimamente, a restituição dos direitos de importação do azeite importado de Marrocos, ao serem exportadas as conservas respectivas, pelo decreto n.º 40.170, de 24 de Maio de 1955, com o fim de ocupar os operários da sua indústria conserveira, também agora os Ministérios das Finanças e da Economia, atenta a gravidade do problema fitosanitário na nossa provincia, não demorem a execução de medidas tão bem estudadas pelos nossos Serviços Agrícolas.

Os Grémios da Lavoura ou a Junta Nacional das Frutas, como legítimos representantes dos lavradores algarvios, deviam pedir, superiormente, que o art. 10.º da Lei de Meios de 1956, (Lei n.º 2.079), datada de 21 de Dezembro de 1955, permitisse a alteração das taxas cobradas pelas Juntas Nacionais das Frutas e do Azeite, a fim de que pudessem arrecadar os 2.000 contos anuais necessários para o combate às doenças que infestam a agricultura algarvia.

Como já foi explicado noutras ocasiões, a cobrança desta verba seria feita no acto da saída dos frutos secos e verdes e também sobre o azeite fabricado nos lagares, não sendo por isso o lavrador incomodado directamente. Por outro lado, as variações de preços daqueles frutos são tais que a taxa de 1 % que iria incidir sobre a sua exportação, pouco

A HORA DO ALGARVE

«TERMAS DE MONCHIQUE»

DESDE a primeira hora que nos lançámos na campanha Pró-Algarve, entre os muitos e instantes problemas—todos eles da maior vitalidade para a provincia do Sul do País—um, nos mereceu, desde logo, a nossa maior atenção e carinho, e, esse foi o das Caldas de Monchique.

Militam em favor deste nosso propósito razões de sobrejo—as quais, não é este o momento de as estampar neste modesto artigo, reservando-nos para a outra oportunidade—para que não deixássemos de vez este melindroso problema—o mais importante para esta infeliz região portuguesa.

Por reconhecermos ser o problema das Caldas de Monchique um daqueles, pela sua qualidade e pelo valor que representa para a região algarvia e, também, para a vida nacional, tanto que foi considerado Património nacional, que entendemos por bem não o abandonar até que o vejamos—com honra e jus a que o Algarve tem direito—devidamente arrumado.

Assim, mais uma vez, fomos à presença do muito ilustre Presidente da Comissão Admi-

nistrativa inquirimos o que de novo havia sobre as malfadadas Caldas de Monchique.

Recebidos em sua casa de residência, logo nos disse ter para dizer coisas muito agradáveis para os que se interessam pelo problema das Termas e, nesse caso, estão os algarvios. Regosijámo-nos com o facto e dispuzémo-nos a ouvir, quem muito e verdadeiramente desinteressado, tem feito por tão bela e rica região da nossa provincia. Ouvimo-lo, pois:

Estando praticamente acabadas as oficinas de engarrafamento das águas de mesa, estuda-se agora numa colaboração da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos e da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique, qual o melhor e mais eficaz conjunto de máquinas a instalar nas referidas oficinas para que em breve possam aparecer à venda em toda a parte do País, as excelentes águas de mesa das Caldas de Monchique.

A Comissão—prosegue—está absolutamente confiada no inteligente e invulgar dinamismo de Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes e Oliveira, na boa vontade e saber da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, e como é indispensável, na compreensão de Sua Ex.ª o Sr. Ministro das Finanças, que certamente se interessará pela revalorização duma parcela do Património Nacional, que um Conselho de Ministros considerou existir, ali, um problema de interesse nacional a resolver.

Lisboa, 24 de Novembro de 1956.
António de Sousa Pontes

ATENÇÃO

O Rádio Electrotécnica

de Manuel Francisco Guerreiro
Largo Gago Coutinho, 11
Telef. 36 LOULÉ

Comunica a todos os seus estimados clientes e amigos que deixou de colaborar na sua casa o snr. Luís Henrique de Sousa Clemente, devendo todo os futuros assuntos e pendentes, serem tratados directamente ou por intermédio do seu filho Reinaldo Rodrigues Guerreiro.

«As maravilhosas águas de mesa das Caldas de Monchique vão, muito brevemente, aparecer à venda em todo o País»

(Declarou a «Voz de Loulé», o Presidente da Comissão Administrativa das Termas de Monchique, Sr. Dr. Alberto Loureiro de Sousa)

Por Luís Sebastião Peres

nistrativa inquirimos o que de novo havia sobre as malfadadas Caldas de Monchique.

Recebidos em sua casa de residência, logo nos disse ter para dizer coisas muito agradáveis para os que se interessam pelo problema das Termas e, nesse caso, estão os algarvios. Regosijámo-nos com o facto e dispuzémo-nos a ouvir, quem muito e verdadeiramente desinteressado, tem feito por tão bela e rica região da nossa provincia. Ouvimo-lo, pois:

Estando praticamente acabadas as oficinas de engarrafamento das águas de mesa, estuda-se agora numa colaboração da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos e da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique, qual o melhor e mais eficaz conjunto de máquinas a instalar nas referidas oficinas para que em breve possam aparecer à venda em toda a parte do País, as excelentes águas de mesa das Caldas de Monchique.

A Comissão—prosegue—está absolutamente confiada no inteligente e invulgar dinamismo de Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes e Oliveira, na boa vontade e saber da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, e como é indispensável, na compreensão de Sua Ex.ª o Sr. Ministro das Finanças, que certamente se interessará pela revalorização duma parcela do Património Nacional, que um Conselho de Ministros considerou existir, ali, um problema de interesse nacional a resolver.

Eis, em síntese, o que sobre as Caldas disse o grande amigo do Algarve e prestigioso Presidente da Comissão Administrativa das maravilhosas Termas de Monchique.

A acrescentar ao que o sr. Dr. Alberto de Sousa declarou ao nosso jornal, sabemos que a Comissão Administrativa está já na posse de valiosos instrumentos de estudo que, auxiliando os que existem na Direcção Geral de Minas e na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos, darão inteira satisfação ao problema da maquinaria.

Assim estamos em vespuras de vermos concretizada uma das facetas de que as Caldas de Monchique necessita para a sua revalorização, pois que já não é sem tempo.

Será desta vez que vai soar a Hora do Algarve?

Ardentes votos para que o seja e de verdade, pois que nunca duvidámos de que um dia Justiça seria feita às justíssimas pretensões desta linda provincia do Sul de Portugal.

Nas mesmas linhas e directrizes seguidas até aqui, continuaremos, enquanto nos seja permitido, terçando pelo nosso torrão natal: O Nosso Algarve!!!

A
Optica Louletana



Apresenta respeitosos cumprimentos de BOAS FESTAS e votos de um NOVO ANO repleto de felicidades para os seus Ex.ªs clientes e amigos

Praça da República, 11

Rádios Philips
Grandig
Schaub
Siera

LUSTRES
Os mais finos e lindos modelos

FOGÕES
A G A Z
As melhores marcas

Produtos
B P

Electro-Rádio
LOULETANA, L.ª
Av. J. da Costa Mealha

Transportes

«Vamos Andando»



só há os de

BRAULIO LOURENÇO
EM LOULÉ

Sempre «VAMOS ANDANDO»
Enquanto houver BRAULIO LOURENÇO

Transportes de automóvel «Vamos Andando»
Continuam a marcar pela correcção, máxima segurança e prontidão

Apropósitos

DIZER VERSOS—Isto de dizer versos é coisa mais difícil do que parece à primeira vista. Mas, ao mesmo tempo, ao alcance de qualquer pessoa que se disponha a estudar um pouquinho que seja a maneira de os dizer. Porque dizer versos não é a mesma coisa que representar. Dizer versos fica bem num ambiente de intimidade. E' o mesmo que música de câmara, que não requer auditórios muito vastos, como a música coral ou sinfônica.

Bem sei que há poemas escritos de tal modo que são autênticos trechos de teatro e podem muito bem ser representados pelos que os digam ou recitem. Mas, de maneira geral, a poesia lírica é para ser dita em pequenas assembleias, para que o seu entendimento seja perfeito. E o artista ou o amador quase que somente com a voz dará toda a gama de sentimentos do poeta, como se ele, no momento de dizer, fosse o próprio criador do poema, transmitindo-o a quem ouve, pela primeira vez.

E' este carácter de intimidade que me parece dever marcar uma recitação de versos. E quanto mais um auditório ficar com a impressão de que está a ouvir pela primeira vez um poema; quanto mais quem ouve ficar com a impressão, ilusória, claro, de que está a assistir a uma criação de momento, melhor será a recitação. E, por isso mesmo, digo que é difícil dizer versos. E, por isso mesmo, repito, qualquer pessoa que se disponha a estudar a dicção de um poema, de maneira a dar a impressão de que o está a inventar, consegue dizer versos.

— O mais importante

Na arte de ensinar, há, evidentemente, muitos factores a ter em conta e, também, vários processos de estimular o estudante-aprendiz, porque é aprendiz todo o que aprende. Mesmo o que é aprendiz de estudante. Aliás não há professor que não seja toda a vida estudante e, portanto, aprendiz...

Ora, como ia dizendo, entre os factores da arte de ensinar ou de estimular os estudantes a trabalhar, é da maior importância o criar-lhes o interesse pela matéria que se ensina. E, para isso, nunca devemos julgar ou dar a entender que consideramos o estudante incapaz de aprender. Se, pelo contrário, o soubermos encorajar, se soubermos inspirar-lhe confiança no próprio esforço, ele ganhará a coragem, ele ganhará a confiança, ele fará progressos. E é isso o que importa.

Há, é certo, os que são mais dotados, outros que o são menos; portanto, os que progredem com menos esforço, e os que levam mais tempo a chegar à meta. Na arte de ensinar, o mais importante será, porventura, fazer com que todos cheguem dentro do tempo, ou como se diz na gíria da volta a Portugal, antes de fechar o controle.

Joaquim Magalhães

NÃO COMPRE

**Motores Eléctricos,
Diesel e a Petróleo**

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

L O U L É

O edifício escolar de Gilvrasino

LAVRA grande descontentamento entre os habitantes deste importante sítio pelo mau estado de conservação em que se encontra o edifício onde funcionam as duas escolas locais.

Há tempos aluiu uma das sentinas, ficando em seu lugar um poço infecto que além do fétido que exala constitui, pela falta de resguardo, um perigo para qualquer criança que distraidamente se aproxime.

Também ruuiu o estuque de uma das salas, pelo que as aulas passaram a realizar-se na parte que constituía a antiga habitação das professoras e cujo estado de conservação é lamentável.

O proprietário do

Café Baía

Cumprimenta os seus estimados clientes e amigos desejando-lhes Festas Alegres e um Feliz Ano Novo

O NATAL está próximo

Se necessita de **Cartões de visita** e se deseja ficar **BEM SERVIDO**

encomende-os na

Gráfica Louletana

Cartões em modernos formatos

Cipos em estilos modernos

Alfarrobeiras

Cedem-se alfarrobeiras que sobraram de viveiro. Tratar na Farmácia Pinto — Loulé.

VACINAÇÃO Anti-diftérica

AD-legação de Saúde deste concelho lembra a conveniência da vacinação das crianças de idade compreendida entre os 6 meses e 8 anos, como medida profiláctica, para o combate contra o vulgar «garrotilho», doença que vem tomando o maior incremento nos últimos anos, aumentando assustadoramente as taxas de mortalidade e morbilidade infantil.

A vacinação faz-se gratuita e diariamente na Subdelegação de Saúde, no edifício conhecido por «Centro de Saúde» das 15 às 17 horas.

Comandante do Posto da P.S.P.

Assumiu o Comando do Posto desta vila o 2.º Sub-chefe da P. S. P. Sr. Constantino Coelho Cabanita, em substituição do 1.º Sub-chefe Sr. Victor António Ferreira, que há anos exercia essas funções.

Ao novo comandante cujas qualidades de direcção e ponderação têm merecido dos seus superiores o devido relevo, e é natural deste concelho, apresentamos os nossos cumprimentos e felicitações.

Francisco de Sousa Lopes

Proprietário do

"Bar Avis"

Deseja a todos os seus clientes e amigos, Festas Alegres e Feliz Ano Novo

Aos Senhoriais

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na **Gráfica Louletana**



Não compre

SAPATOS

Sem verificar o enorme sortido da

Sapataria Garrocho

Os mais modernos e elegantes modelos aos mais baixos preços do mercado

Com os melhores votos de Natal Feliz, cumprimenta e deseja um próspero Ano Novo a todos os seus prezados Clientes e Amigos.



Cachola & Guerreiro, L. da

Telefone 183

Agradecem a todos os seus estimados Clientes e Amigos a preferência com que os distinguiram no corrente ano e desejam-lhes Festas Alegres e Feliz Ano Novo

Palhavã - Areias - Ribatejo

Os vinhos

que deve preferir



Fabricação especial de

José Francisco Costa

Telefone 179

L O U L É

A delicadeza

uma virtude esquecida

(Continuação da 1.ª página)

gústias, que deveria ser preocupação de cada um de nós criar um pouco de felicidade aos outros, através do interesse e da boa vontade, manifestados por uma verdadeira cortesia, mesmo até para aqueles que preconceituosamente consideramos «os estranhos».

E' bem certo que uma atitude semelhante faz despertar sentimentos de dignidade e cavalheirismo que pareciam extintos.

Não é demais notar como as emoções são contagiosas: palavras de cólera causam irritação naquele a quem se dirige, assim como a suavidade e a ternura evocam, por sua vez, o respeito e a afeição.

O primeiro passo para compreender o verdadeiro sentido da delicadeza consiste em

estabelecer a distinção entre esta qualidade e maneirismo.

Evidentemente que a época do maneirismo já passou, exactamente como passou também a do preciosismo na linguagem e a da excessiva complicação no vestuário. Não podem já ouvir-se sem sorrir as expressões que uma etiqueta como a do século XVIII, por exemplo, impunha á sociedade cortês, tal como se não pode conceber já, um homem do século XX trajando à maneira dessa época, usando saltos altos, punhos de renda e cabeleiras empoadas.

O progresso tem-se realizando em certos campos, no sentido de uma maior simplicidade, acompanhando uma crescente eficiência.

Esse maneirismo não correspondia, aliás, a uma verdadeira cortesia, porque se limitava, muitas vezes, a uma simples polidez superficial e quebradiça.

Delicadeza não é, pois, simplesmente o que se entende por «boas maneiras», tantas vezes falhas de interesse real pelos outros; antes corresponde a uma atitude íntima muito mais profunda, radicada na própria lei moral. Na sua verdadeira acepção, como reflexo da mais pura boa vontade, constitui um dos aspectos mais belos que o amor do próximo pode revestir. Representa, antes de mais nada, uma atitude de reverência para com a personalidade alheia. E' um sinal de respeito para com aquela centelha de dignidade que, quando desperta, faz a grandeza de todo o ser humano.

Maria Beatriz Serpa Branco

VENDE-SE

Uma casa na Rua Diogo Pereira, 36-38, com corredor, 6 compartimentos e quintal. Tem casa no quintal e um armazem junto.

Nesta redacção se informa.

Actividades

da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve deliberou recentemente:

— Exarar em acta um voto de louvor ao ex-presidente da Comissão Cultural e ilustre Director do Arquivo Histórico Ultramarino, sr. Dr. Alberto Iria, pelo monumental trabalho «O Algarve e os Descobrimientos», que acaba de publicar em edição patrocinada pelo Instituto de Alta Cultura;

— Transferir para 27 de Janeiro próximo o almoço de homenagem à Comissão de Turismo e Propaganda, anunciado para 18 do corrente, dada a proximidade a que ficaria do almoço de confraternização dos antigos alunos do Liceu de Faro, realizado na Casa do Algarve em 1 de Dezembro.

Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida

(Continuação da 1.ª página)

guir para Lisboa, telegrafou de Grândola: Almirante Ramalho Ortigão, Tomás de Eça Leal, Pintor José Campas, Agostinho Fernandes, Dr. Domingos Romão Pechicha, Dr. Francisco Vaz, Famílias Castro Guimarães e Lyster Franco, Dr. Humberto Pacheco, Eng. Manuel de Sande Lemos, Dr. Jaime Guerreiro Rua, director de «A Voz de Loulé», etc., fez uso da palavra o sr. Dr. Ferreira de Almeida, que agradeceu a todos os presentes a gentileza de terem querido acompanhá-lo naquele dia, exclusivamente para si festivo.

Saudando-o pelo simpático acontecimento e fazendo votos pelas suas prosperidades, brindaram ainda os srs. Capitão Matias de Freitas, Dr. João de Campos Coroa, Dr. Joaquim de Magalhães, Dr. Francisco Fernandes Lopes, Alvaro de Lemos, Padre António do Nascimento Patrício e Dr. Mário Lyster Franco e, por último, o sr. Presidente da Câmara que fez o elogio dos altos serviços prestados pelo sr. Dr. Ferreira de Almeida á sua terra natal e ao Algarve.

Durante o repasto o Dr. Ferreira de Almeida fez distribuir por todos os presentes exemplares do seu livro «Recordando...», gentileza que a todos resultou extremamente grata.

O sr. Dr. Ferreira de Almeida, nesta sua vinda a Faro ainda enriqueceu, com novas ofertas, entre as quais um precioso Cristo de marfim, a valiosa colecção de arte que doara á sua cidade natal e por que merece o título de benemérito de cidade.

A circunstancia deu lugar a que fôsse recebido no município, no salão nobre que é, provisoriamente, a pinacoteca da sua colecção, pela Vereação, Conselho Municipal e Comissão de Turismo e aí, depois de saudado pelo ilustre Presidente da Câmara, Dr. Mário Lyster Franco, em nome do Conselho Fiscal e Raul Bivar Weinholz, dedicado presidente da Comissão Municipal de Turismo, o Dr. Ferreira de Almeida dissertou sobre o culto de beleza e da arte e contou a maneira como alguns dos objectos expostos haviam sido adquiridos.

«A Voz de Loulé» agradece ao ilustre algarvio e brilhante diplomata a gentileza com que distinguiu o seu director, que por motivos imperiosos não pôde associar-se pessoalmente á sua simpática festa e cumprimentando Sua Ex.ª, formula votos por que a sua já longa vida se prolongue por muitos anos com a mesma juventude e vivacidade de espírito.



A família contemplada com o prémio atribuído pela Obra das Mães junto à Escola de S. Lourenço com as entidades oficiais que assistiram ao acto

Obra das mães pela Educação Nacional

O Dia da Mãe, entre outras cerimónias, foi celebrado com uma sessão solene em Almarcil, no edificio da escola de S. Lourenço, para distribuição do Prémio instituído pela Obra das Mães para galardão a família mais numerosa.

Presidiu à sessão o sr. José João Ascensão Pablos, na qualidade de Vice-Presidente da Câmara e tomaram parte na mesa a Delegada da Obra das Mães neste concelho, Dr.ª D. Maria Júlia do Nascimento Costa, o Reverendo Prior da freguesia Padre José Pedro Leal, Presidente da Junta de Freguesia sr. João Pires Pinto e Regedor da Freguesia sr. Manuel Filipe Leal Viegas.

Encontrava-se presente ainda o Rev. Padre Dr. Clementino de Brito Pinto, a sr.ª professora da Escola e elevado numero de pessoas daquela freguesia.

A família contemplada, constituída por João Honorato Diniz de Mendonça e sua esposa Maria dos Prazeres Simões Mendonça e 9 filhos vivos recebeu o 4.º prémio do Distrito que era de 1.000\$00.

Usaram da palavra a sr.ª Dr.ª D. Maria Júlia Costa que exaltou o significado deste propósito que é a dignificação da maternidade e merece da Obra das Mães o maior apoio e carinho, e o Dr. Clementino de Brito Pinto que evocou a circunstância de Nossa Senhora ter sido igualmente Mãe e ter sofrido, nessa qualidade,

os maiores tormentos e amarguras, pelo que deve ser tomada como exemplo de novas futuras mães, quando o desalento porventura as preocupe.

Por último, o Sr. Vice-Presidente agradeceu a companhia das pessoas presentes e felicitou, como representante do Governo da Nação, o casal premiado.

IMPRESSOS

ECONÓMICOS
RÁPIDOS
PERFEITOS

Executam-se na

Gráfica Louletana

Telefone 216
LOULÉ

BAILES

A fim de que os seus associados se reunam em alegre convívio para festejarem a Passagem do Ano, promovem bailes na noite de 31 do corrente as sociedades da nossa terra:

Ateneu Comercial e Industrial, abrilhantado pela «Orquestra Blak Rose».

Atlético Sporting Club, baile com a colaboração da Orquestra «Conjunto sem Nome» e ceia aos sócios que se inscrevam para esse efeito.



Maria Madeira Cavaco Pereira

Seguros em todos os ramos

Apresenta cumprimentos de Boas Festas aos seus Ex.ªs Clientes, desejando-lhes prosperidades no Ano Novo

Av. Marçal Pacheco, 31

○ Proprietário da

TOCA DO COELHO

Telefone 18

QUARTEIRA

Cumprimenta os seus Ex.ªs

Clientes e Amigos, desejando-lhes um Feliz Natal e próspero Ano Novo



Ainda o Problema da Educação

Em virtude de ter saído involuntariamente truncado e, por isso até certo ponto incompreensível — do que pedimos desculpa ao seu autor — o artigo de A. Santa Clara publicado no nosso último número damos-lo a seguir na íntegra.

TINHA os meus dezasseis anos e cursava o Colégio Militar quando se deu o assassinio de Sidónio Pais — então Presidente da República. O acontecimento, como é natural, agitou todo o País. Fizeram-se grandiosos funerais com interminável desfile de tropas enquanto se postaram outras em diversos locais ao longo do percurso. Toda a gente de boa vontade, séria e honesta, farta de revoluções e desordens, chorava a perda daquele homem que parecia destinado a governar com pulso firme e meter o País na ordem. O Colégio Militar também se fez representar enviando uma Companhia de alunos — quase todos pouco mais ou menos da minha idade — companhia de que fiz parte, e que foi alinhar do lado norte do Rossio, com a frente voltada para a fachada do Teatro Nacional. Enquanto o cortejo desfilava diante de nós, dando a volta à praça depois de ter subido a Rua Augusta, sentíamos quanto a atmosfera estava densa e pesada de boatos. Desde a véspera se dizia que durante o cortejo se daria uma revolta. Todos nós o sabíamos e todos tínhamos tomado a firme decisão de não arredar pé, houvesse o que houvesse. O Rossio era um mar de cabeças; janelas e telhados estavam apinhados de gente. Nações estrangeiras tinham se feito representar enviando as suas bandeiras com escolta militar.

Subitamente — não se sabe por que motivo — parece que uma câmara de ar rebentou algures — principiou a erguer-se um clamor surdo e distante como de avalanche que se aproxima, clamor que rapidamente avolumou tornando-se numa onda de gritos dum pavor indescritível. Tomada de pânico a multidão na ânsia de fugir atropelou-se, arrombou portas e estilhaçou montras de lojas e dum momento para o outro a imensa praça ficou deserta como se um grande vento ciclónico a varresse. O cortejo desfez-se e destroçaram as forças militares; ouviavam-se disparos de tiros que partiam não se sabia de onde. Na grande praça nua só restavam duas formaturas impeccavelmente hirtas e apuradas: a escolta de soldados ingleses junto da sua bandeira e a Companhia do Colégio Militar com os seus soldaditos de palmo e meio.

Naquele tempo não existia aula de Moral.

Há dias os estudantes desta cidade de Faro promoveram e realizaram uma manifestação de protesto contra as atrocidades que a Rússia praticou na Hungria. Depois do desfile e dos discursos um considerável número de rapazes, vendo-se já liberto da presença

dos seus professores, resolveu oferecer ao público que transitava pela artéria principal da cidade, um espectáculo grotesco e lamentável, andando em correrias e encontros, numa chacota imprópria, esgrimindo com os paus dos cartazes de protesto que traziam, e se rasgaram e andaram a pontapé pelo chão. Não faço comentários. Direi apenas que os periódicos locais só relataram, já se sabe, o lado pomposo e vistoso da cerimónia e omitiram este final. Teria sido de facto preferível não publicar notícia alguma.

Hoje existe aula de Moral.

E, antes de fazer quaisquer considerações, apresso-me a fazer justiça àqueles rapazes que não participaram em tal chacota porque, a-pesar dos graves defeitos de educação, ainda há felizmente muita gente bem formada e bem educada — não tanto pelo que aprende na aula mas sim pelo que aprende em casa de seus pais.

Seria errado — e portanto injusto — se eu dissesse que noutro tempo havia Moral sem haver Aula e hoje há Aula sem haver Moral. A cousa não é exactamente assim; mas aproxima-se muito.

Na série de artigos que publiquei no «Correio do Sul» e que intitulei «Um Problema do Senso Comum» expus as razões que explicam a aparente anomalia da Moral não ter feito progresso algum depois que se instituiu o seu ensino. Citei os dois defeitos fundamentais deste ensino: um pedagógico e outro de doutrina.

O problema é de alto interesse e deveria merecer a atenção de todas as pessoas honestas e ser tratado a sério; mas na maioria dos pequenos periódicos de provincia é muito difícil — para não dizer impossível — tratar a sério qualquer problema que saia fora da banalidade, da louvaminha, do elogio mútuo, do elogio próprio, e da página de anúncios.

Perfeitamente enquadrados na estreita mentalidade que obriga a fazer um jogo de aparências esses periódicos rejeitam tudo que possua alguma isenção de espírito. Contudo — repito — é necessário tratar a tempo duma Educação eficaz que ensine o indivíduo a ser honesto. É necessário que o conceito de Disciplina corresponda a uma realidade integrada no espírito e não seja apenas um jogo de aparências escondendo um jogo de interesses. O que é preciso — quaisquer que sejam os nossos credos — o que é preciso antes de mais nada é ter Caracter — proceder com seriedade, exercer a Caridade que for possível e amar a sua Pátria com inteiro espírito de sacrifício. Isto é o fundamental e o que verdadeiramente deve ser ministrado — por mes-

Sociedade Recreativa Artística Louletana

PARA comemorar as suas Bodas de Prata, ocorridas no passado dia 1.º de Dezembro, esta prestimosa colectividade recreativa da nossa terra, levou a efeito um programa de festas, que muito contribuiu para proporcionar aos seus numerosos associados horas agradáveis de alegre confraternização.

Além dos bailes realizados, e que decorreram na mais franca alegria e grande animação, realizou-se, também na sede da Sociedade, uma sessão solene presidida pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Loulé, em que o director deste jornal proferiu uma bem argumentada conferência sob o tema: «D. João IV, o Rei Restaurador», que foi atentamente escutada pela numerosa assistência que enchia completamente a sala.

Após a conferência, a Direcção da Sociedade ofereceu aos seus convidados um fino «copo d'água» que serviu de protesto para serem feitos vários brindes pelas prosperidades da Sociedade Recreativa Artística Louletana, que naquele dia comemorava o seu 25.º aniversário.

Os nossos sinceros parabéns e votos de uma próspera existência.

Para os seus seguros PREFIRA «MUNDIAL»

O maior organismo segurador português

Seguros em todos os ramos

Agente em Loulé

José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

tres hábeis e competentes — num ensino moral. Tal como tem sido exercido este pretensão ensino — descurando o essencial do seu objectivo — não só é ineficaz como se torna nocivo.

Pergunto: na experiência quotidiana das relações entre os homens, acaso se descortina algum sintoma que permita suspeitar que se elevou o nível moral? Nota-se algum progresso em matéria de Educação? Teremos construído uma Consciência, formado um Carácter ou existe realmente alguma desinteressada atitude idealista que permita afirmar uma supremacia dos valores do Espírito? Somos mais honestos?

Se alguém se interessar por este Problema e o desejar tratar com seriedade, elevação de doutrina e isenção de espírito, preocupando-se apenas com a clareza de raciocínio e pondo de lado toda a preocupação mesquinha doutrinária de ideias, que me responda a estas perguntas.

Ou será isto uma banalidade sem importância que não mereça a nossa atenção?

A. Santa Clara

«Loulé... em retrato»

NA quadra festiva do Natal em que tanto nos lembramos daqueles que, por estarem longe, não podem associar-se à consoada da família e ao convívio dos amigos, bem pode esta Secção de «A Voz de Loulé» ser o elo de uma palavra Amiga repassada de terna saudade.

Ela será pois o porta-voz de um sincero e afectivo desejo de boas festas para todos os louletanos ausentes da terra mãe.

E porque foi escrito no dia da mãe, por quem outra mãe já não tem, que a terra natal, fica bem que seja mensagem de saudade de Loulé e mensagem do Natal!

Aproxima-se a data da festa que mais de perto toca os corações e, bons ou maus, todos sentem, nesta evocação, a ternura de um sentimento de pura irmandade, de alheamento de más vontades, de aproximação espiritual que desfaz e apaga qualquer ressentimento ou motivo de queixa.

Louletanos ausentes da vossa terra, cheios de saudades e fé num regresso que pode ser breve, imediato ou longínquo, aceitai a saudação amiga da Terra que, em vossos e nossos espíritos, passa o Natal convosco!

E a esta lembrança saudosa recordai que não nos esqueçamos que há entre nós aquele elo de solidariedade e conforto moral que liga todos os filhos da mesma terra, qualquer que seja a distância que os separe, pois mantemos bem vivo o culto pela raiz comum.

Lembra-vos de que, nesta quadra festiva, estais mais próximo dos vossos, através destas palavras amigas!

Grande dia o dia de hoje! Dia da Padroeira de Portugal, Dia da Mãe, Dia da Legião!

Até a palavra amiga de Salazar, esteve conosco na sua sublime mensagem em que cada palavra requer uma concentração espiritual pelo significado verdadeiramente específico que contém!

De tarde, a procissão de Nossa Senhora da Conceição, bem organizada, fartamente concorrida, contribuiu para que o sentido de misticismo do Dia da Mãe que nos sensibiliza, fosse mais acentuado pela presença da Imaculada nas ruas da Vila.

E a terminar esta como que mensagem, de Loulé aos seus filhos dispersos, em que quizeamos fazer vibrar um espírito de humanismo fraternal, fazemos votos por que todos se sintam bem, saudosos e firmes, nas suas recordações e compreendam, igualmente como nós, a necessidade espiritual deste intercâmbio afectivo e sentimental, na quadra festiva que passa.

Reporter X

Os Monstros

O monstro asiático já mais deixou de espreitar por sobre as alturas do Himalaia, visionando ora o Ocidente desprevenido, ora as planícies adormecidas do Sul, da China e do Indusão. As investidas contra o Ocidente fizeram-se na decadência do Império Romano e trouxeram o terror que se espalhou no meio duma civilização bastante adiantada. As hordas sucediam-se com impeto selvático, destruindo tudo quanto se lhes oferecia pelo frente: cidades, vilas, pessoas e haveres. Tempo houve em que o Ocidente caiu perplexo sem saber o destino que o aguardava. Mas o homem pode mais com o esforço do cérebro do que com o exercício dos músculos; e foi assim que as inúmeras vagas de assalto foram perdendo o ímpeto inicial trazido das estepes e se foram amoldando aos preceitos da civilização. Entretanto uma nova era surgia na História, a marcar o princípio da Idade Média, e a pôr termo à História Antiga.

Outros desmoronamentos conseguiu o monstro, já então em plena Idade Média, mas dessa vez a vítima foi a China, cuja civilização estática através de milhares de anos havia de lhe sofrer os embates à custa duma hecatombe. Gengis Cão desceu da montanha asiática como um cilindro desenfreado e foi mergulhar os seus anseios de poderio nos mares da China, onde encontrou a calma suficiente para pôr cobro às suas loucuras. A terceira erupção fez-se ao som das flautas pastoris e teve por cenário as vastas planícies do Indusão, onde os estragos não foram para comparar aos havidos no Ocidente, e na China.

Estaremos hoje em frente duma nova avalanche?

(Conclui no próximo número)

Eczema da refinaria oculta

Tentativa de poesia moderna

Por A. Santa Clara

QUEM alongou a sombra do Quadrante à hora em que o frémito da asa risca parábolas insensatas no Azul?!...

— Que quer isto dizer?!
— Nada. Não se aflija. Vá dizendo sempre...

Onde estão as vozes que não vieram à superfície?
Trazes tu, por acaso, em tuas mãos patricias as tangentes do silêncio?

— Perdão. Não entendo nada.
— Bem sei. Mas nem é preciso.
— E a Métrica? E a Rima?!...
— Qual métrica nem rima! Agarre nas palavras e componha. Aqui tem um cesto delas: Mensagem. Mística. Fluir. Devir. Projecção espiritual. Tire uma ao acaso... Essa mesmo: Pingo. Vá... Pingo a pingo e respingo a bota velha, no circunlóquio ideal das meias solas...

— Isto cheira a cabedal!
— Pior que isso. A poesia hoje é acessível a qualquer amanuense. Prostituiu-se. Escreva o que quizer. O que é preciso é não a perceber e dar a entender que se traz uma Mensagem. Vá pondo as palavras em linhas curtas umas por debaixo das outras.

Eis-me no limiar da Porta Nova.
E' aqui que se embarca para a Ilha.

— Não. Assim não é moderno. Assim entende-se. Tente novos ritmos. Saia fóra da Sintaxe. Vá... Ensaie de novo.

A espiral suspende-se, inquieta, no limite das formas visíveis. Um pássaro não condiz com a paisagem. Há fogos-fátuos de lantejoulas bailando no vértice do meu sonho cartesiano. Risco desejos inconcebíveis no papel pautado com um dedo secreto. E voltando-me do avesso reconheço que as auroras boreais estão à escuta.
— Isso! Já está melhor. Não de aplaudi-lo quando deixarem de o entender. A sua Poesia começa a ganhar um certo prestígio. Não de falar da sua Mensagem. Entrará numa das muitas Antologias que se fazem todos os dias. Vá, prossiga.

Absurdo. Quintessencia. Nóz moscada. Medusas enleadas no coeficiente dez esperando a hora das incoerências topográficas. Diedros espantados, na encruzilhada dos cravos de cabecinha. Terciopêlos lívidos bailando marés baixas — suspirando pelo oficial de serviço, e apagando os faróis na lentidão das algas. Ofélia! Ponto de cruz. Gaz Cidla. Relógio de pulso.

— E porque não, também, botão de punho?!...

NOTA — Prometo uma apreciação crítica, séria, para o próximo número a respeito do «Fenómeno poético dos nossos dias».

CASA CANADIANA

Alfredo António Martins

54, Praça da República, 56

Trincheiras para Homem, Senhora e Criança

Canadianas ~ Gabardines ~ Camisas

Bonés ~ Fatos feitos

Deseja a todos os seus clientes e amigos Festas Alegres e um Ano Novo muito feliz

REGIONALISMO

«O ALGARVE» NO PORTO

«Para praticar com dignidade e elevação moral o verdadeiro regionalismo, consubstanciado em sentimento de amor à nossa terra e região, é necessário cultivar e pôr em acção o espírito da fraternidade entre conterrâneos para se unirem, sem reservas, leal sinceramente, em luta pelo progresso e engrandecimento do torrão natal».

Nada mais certo e exacto o quanto de verdade existe nestas palavras, que li algures, que supponho terem sido escritas por figura categorizada adentro do regionalismo nacional.

Sempre considerei as Casas Regionais «um forte sintoma de vitalidade e de consciência organizada e útil; instituições que têm uma salutar e profícua missão a cumprir».

Al regionalismo organizado não pode negar-se utilidade e eficácia.

E' o caso do regionalismo Algarvio. Os algarvios, espalhados por esse País fora, quer seja no Continente ou no Ultramar, procuram congregarem-se, reunir-se, para melhor se conhecerem e estabelecerem ambiente fraterno e familiar.

No Porto, a cidade do trabalho, a grande colónia de algarvios ali residentes, pela primeira vez, reuniu-se num almoço de confraternização a que assistiram 160 convivas.

E' um número importante e merece ser devidamente considerado.

Ao toque de «clarim» de meia dúzia de algarvios, logo se juntaram dezenas de naturais da linda provincia do Sul de Portugal, a afirmar a sua presença e a confraternizar em ambiente familiar a que não faltaram belas audições do «corridinho» executadas pelo dinâmico e grande amigo do Algarve, Arnaldo Martins de Brito, Vice-Presidente da Comissão de Festas da «Casa do Algarve», em Lisboa.

Este toque de «unir fileiras» nas hostes algarvias da cidade Invicta, levado a efeito por uma comissão de prestigiantes figuras algarvias nela residentes, é forte sintoma dessa vitalidade regionalista, que alastra a Nação de lés a lés.

O elemento feminino quis também marcar a sua presença a tão simpática reunião, sendo bastante elevado o número de senhoras que assistiram ao repasto.

No salão nobre do Hotel Império, literalmente cheio e artisticamente decorado, foi servido um belo e substancial almoço, cuja ementa foi, rigorosamente «algarvia», com seus afamados vinhos de «Lagoa» e aguardentes de medronho e de figo, de Monchique e Faro.

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

Transporte	21.940\$50
Gráfica Louletana, Loulé	170\$00
Manuel Rodrigues Guerreiro, Loulé	10\$00
Arnaldo Santos, Faro . .	100\$00
José Assunção Bolotinha, Ponte da Tôr	100\$00
Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco, Ponte de Salir	30\$00
D. Ana Paula Fig. Mascarenhas Leal, Loulé	200\$00
D. Crisante Fig. Mascarenhas Leite, Algoz . .	200\$00
D. Maria Inácia dos Santos, Loulé	5\$00
D. Maria do Carmo . .	2\$50
Manuel de Brito da Marna — Loulé	300\$00
A Transportar	23.058\$00

INGLES

Pessoa diplomada por Cambrigde dá explicações.

Informa Telefone 244 — Loulé.

«E' a soma de pequenas dedicações regionais que faz a unidade do patriotismo que torna forte as Nações».

Por Luís Sebastião Peres

Ambiente restintamente «algarvio», de encantadora intimidade.
Era o «Algarve» no Porto.

Blaquez; Fabricio Landeiro; Eduardo Corte Real Graça; Manuel Viegas da Fonseca e António Moniz Barreto.

A esta festa de verdadeiro e fraterno amor á terra natal, teve a realçá-la a presença do representante da «Casa do Algarve», em Lisboa, o prestigioso e dinâmico Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda, grande amigo do Algarve, sr. Hermenegildo Neves Franco, que áquela cidade se deslocou expressamente, e que, se fez acompanhar de outro bom algarvio, Arnaldo Martins de Brito, Vice-Presidente da Comissão de Festas da referida agremiação regionalista.

A entrada de Neves Franco no Salão onde ia servir-se o almoço, deu motivo a que a assistência, de pé, o ovacionasse calorosa e entusiasticamente, saudando nele, a prestigiantes colectividade regionalista algarvia.

Na mesa de honra sentaram-se distintas figuras algarvias, tais como: Dr. Alberto Uva, que presidiu; Hermenegildo Neves Franco; dr. Samuel Rodrigues Sanches; Eng.º Rui Bivar Cumano; jornalista Simões Neto; Arnaldo Martins de Brito; dr. Cláudio Pinhol; dr. Vitorino Rosa, Frederico

O que pode o regionalismo!
O bairrismo da gente da nossa terra, contagia o mais despreocupado e, assim, o seu eco repercute-se em toda a parte.

Depois da nossa Moçambique, onde existe uma Delegação da «Casa Algarvia»; surge agora o Porto, essa nobre cidade que, foi no passado e é no presente, uma metrópole de exuberantes afirmações de labor constante ao serviço da Nação, onde a colónia algarvia marca posição de destaque nos mais variados sectores de trabalho, a afirmar o desejo de constituir, também, um *Lar Algarvio*.

E é assim, sempre, esse regionalismo fremente e entusiástico, contagiando tudo e todos, a manifestar-se por essas parcelas da Nação!

O exemplo que os algarvios residentes no Porto acabam de dar, é digno de ser considerado e seguido.

A «Casa do Algarve», em Lisboa, pela palavra fluente do seu Secretário da Direcção e Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda, prometeu todo o apoio à simpática ideia dos seus comprovincianos, de criarem um Solar Algarvio, naquela importante cidade nortenha.

Olhar com simpatia as casas regionais, sempre que elas não se afastem dos seus fins próprios, que são sobretudo os da propaganda, da beneficência e da cultura, é dar-lhes prestígio e insuflar-lhes as energias para realizarem os seus fins.

A jornada do Porto, deve encher de júbilo as gentes do Algarve, por trazer a certeza de que tão linda provincia não é esquecida pelos seus comprovincianos, estejam eles onde estiverem.

O Regionalismo é, hoje, causa de interesse nacional.

Alfaiataria DANDI

António da Costa Fernandes

Cumprimenta os seus Ex.ªs Clientes e Amigos desejando-lhes um Feliz Natal e um Ano Novo muito próspero

Alexandre Pinto Contreiras

Mercearias ~ Cereais ~ Legumes

Cumprimenta os seus Ex.ªs Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Feliz Ano Novo

Mercearia Confiança

de João Ramos do Nascimento

Praça D. Afonso III

Mercearias, Legumes e Vinhos engarrafados, Louças de Sacavém e Vista Alegre, vidros e esmaltes

Deseja aos seus Ex.ªs clientes e amigos um Natal muito feliz e Ano Novo muito próspero

António da Silva

Mercearias, Louças, Miudezas e artigos próprios para brindes de Natal

Deseja um Feliz Natal e um próspero Ano Novo aos seus prezados Clientes e Amigos

Rua 5 de Outubro, 45

VIDA RURAL

E' muito difícil, senão quase impossível, encontrar uma posição económica razoável para aqueles que vivem da terra. Mormente no Algarve, onde os capitais investidos na lavoura só emergem a longo prazo, torna-se confuso e embaraçoso achar o valor da produção por unidade.

Senão vejamos: Por hipótese, o Sr. Pires (um nome meramente simbólico) pretende ser agricultor. Como não possui terras, dirige-se à Junta de Colonização Interna para obter um tracto de terreno com a superfície dum hectare, que destina a plantação de alfarrobeiras. A terra é da mais ordinária, terra em estado bravo, a produzir simplesmente lenha para queima. Por isso foi avaliada a cinquenta centavos o metro quadrado, preço que o Sr. Pires liquidou no acto da compra. Mas o nosso homem não tem dinheiro e então dirige-se a um banco que lhe faculta capitais, mediante caução, ficando a pagar os respectivos juros.

O sr. Pires inicia a sua obra por uma surribo da terra, com farta colheita de pedra, trabalho que lhe custou cerca de dez contos. Depois veio a acomodação da pedra, a abertura das covas para as árvores, obras cujos gastos, somados ao preço das árvores, elevaram-se a cinco contos, tudo com dinheiro a crédito, cotando a jorna do trabalhador à volta de vinte escudos, a mesma calculada no acto da surribo. E' com estes dados, cujo montante ascende um pouco os vinte contos, que o Sr. Pires vai iniciar a sua vida de produtor de alfarrobeiras, com cem árvores

de plantação, e dinheiro a juro.

Nos primeiros dez anos não tem, evidentemente, árvores capazes de darem fruto e, quando muito, atingem o estado de enxertia; só três anos depois algumas poderão dar as primeiras alfarrobas. Entretanto as despesas continuam, pois há as lavouras anuais, as limpezas, o juro do capital levantado, e tudo vai figurando na conta do banco. Em resumo: só ao fim de trinta anos após a plantação é que as árvores atingem a sua melhor produção. E' a altura do Sr. Pires dar balanço à sua obra, pondo dum lado todos os encargos (juros, contribuições, despesas de manutenção, etc.) e do outro o dinheiro proveniente da venda dos frutos, ao qual pode adicionar o juro do capital realizado nas vendas anteriores, e depositado na Caixa Geral.

Como a conta do banco anda à volta de cinquenta contos, é fácil determinar-lhe o juro, como fácil é ajuizar dos outros encargos, apurando assim uma verba que não deve andar longe de três contos; estes são os encargos. Vamos agora à receita: as cem árvores podem dar, em média anual, cento e cinquenta arrobas de alfarroba; o juro do dinheiro depositado na Caixa é que é muito problemático, visto que depende de diversos factores. Mas isso não interessa ao problema, visto que nos propusemos achar simplesmente o valor de venda por unidade — o valor específico — e esse obtem-se dividindo os três contos de encargos pelas cento e cinquenta arrobas de alfarrobas. Se o lavrador vender por menos do que a

média obtida na divisão, está a perder; se vender por mais, está a ganhar, e adquire condições para amortizar a dívida ao banco.

Pode, entretanto, haver alguém que obtemper neste sentido: Porque foi que o Sr. Pires não comprou o hectare de terra com árvores completamente desenvolvidas; além de lhe poder ficar mais barato, livrava-se do periodo da vegetação?

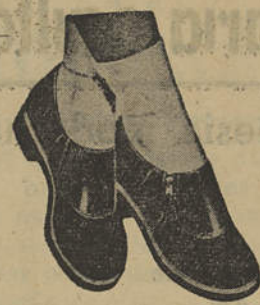
Está bem: — o Sr. Pires também podia fazer o trabalho por suas mãos; mas quer num, quer noutro caso os tais encargos é que já mais deixariam de pesar sobre a propriedade, e quem a vendesse por menos do que o montante da dívida ao banco, é de crer que fizesse má venda. Os capitais investidos na propriedade, quer em dinheiro, quer em trabalho, são valores que já mais se apagarão e constituem o seu preço específico; é daqui que se tem de partir para determinar o acervo de encargos.

Julgar como encargos apenas os que resultam da mão de obra ocasional, é não ter em conta todo o passado onde a mão de obra foi factor de fomento ou de regeneração, tendo resultado um capital em plena e perene actividade.

Ora o que se passou com o Sr. Pires, que plantou alfarrobeiras, dá-se com o Sr. Anselmo que plantou oliveiras, que semeia trigo, e abre um poço para irrigação da horta.

Quando, em ocasiões excepcionais, houver que tabellar produtos saídos da terra, é do mais elementar bom senso atender ao custo por unidade, partindo do princípio que esse custo tem por base um valor específico, determinado pelos encargos da propriedade; aliás cair-se-á em situações injustas, quando não perigosas, transformando a lavoura naquilo que Mariano de Carvalho dizia: «A arte do indivíduo empobrecer alegremente».

J. G. P.



Sapataria Pires

DE

Faustino José Pires

Solas - Cabedais - Borrachas

Faz votos sinceros por que o NOVO ANO seja portador das maiores felicidades para todos os seus prezados clientes e amigos



Rádio-Electrotécnica

Manuel Francisco Guerreiro

Cumprimenta os seus Ex.^{mas} Clientes, desejando-lhes Festas Alegres e um Novo Ano repleto de prosperidades.

Largo Gago Coutinho

LOULÉ

A Gerência da

Filial das Máquinas de Costura

IP IF A IF IF

Cumprimenta o laborioso público de Loulé, desejando-lhe muito Boas Festas e um Feliz Ano Novo

Praça da República, 43

Os Cabeleireiros

Genoveva Fome Matias

e

Virgílio Alves Matias

Apresentam os seus cumprimentos às suas Ex.^{mas} clientes desejando-lhes um Natal Feliz e um Novo Ano próspero

ANTÓNIO SANTOS

PROPRIETÁRIO DA

Auto-Eléctrica Louletana

Apresenta respeitosos cumprimentos de Boas Festas aos seus Ex.^{mas} clientes e Amigos e deseja-lhes um Ano Novo feliz

TELEFONE 239

Panelas de pressão

'Austria Emil'

em aço esmaltado

Distribuidores

União de Mercadorias

do Algarve, Lda.

LOULÉ

Visado pela Comissão de Censura

A Cabeleireira

MABILIA

Cumprimenta as suas Ex.^{mas} clientes desejando-lhes um Feliz Natal e próspero Ano Novo

A

Filarmónica União Marçal Pacheco



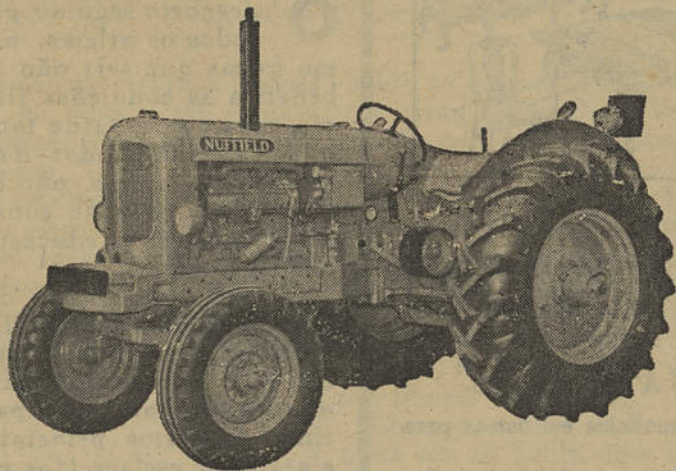
Cumprimenta cordealmente os seus Ex.^{mas} Sócios e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo Feliz e próspero.

A DIRECÇÃO

"NUFFIELD-UNIVERSAL"

O Tractor de Rodas

COM AS
CARACTERÍSTICAS
MAIS MODERNAS
EM MÁQUINAS
DO GÉNERO



Características principais:

Tractor «Nuffield-Universal» modelo «DM-4»

Moto «BMC» Diesel—tipo «OEA/2»
de 45 HP, 4 cilindros, desenvolvendo 41 HP
na barra de tracção e 43 HP no tambor de
accionamento.

Caixa de 6 velocidades:
5 à frente e 1 à retaguarda.

Travão de mão para estacionamento.

Travões de pé independentes.

Conta-horas, arranque máximos
e instalação eléctrica médios
incluindo farol de lavoura e buzina. mínimos

Pneus: 7.50 X 18 com 4 telas à frente e 14 X 30
com 6 telas à retaguarda.

Eixo das rodas de frente e de trás ajustável.

Tambor de accionamento montado à esquer-
da, c/ embraiagem e conversão para a re-
taguarda.

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para
alfaias e básculas montadas.

Cortina de radiador e termómetro.

Barra de tracção ajustável.

Tomada de força. Almofada.

Ferramentas e caixa para as mesmas.

Manivela.

Peso exterior montado à frente.

Peso do tractor 3.080 quilos.

Espelho retrovisor e reflectores.

Distribuidores exclusivos:

H. VAULTIER & C.^a

Telefone 239

9, Rua Conselheiro Bivar, 9-A

FARO



Automóveis

e todos os veículos moto-
rizados. Para compra ou
venda tratar com Basilio
do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 —
Loulé.

Poupe dinheiro e viaje com segurança

usando no seu automóvel

Pneus M A B O R

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro
LOULÉ

Deseja brindar vossa esposa pelo Natal?

Não hesite...

Visite a

Retrosaria da Moda

onde encontrará um variadíssimo sortido
de lindos artigos regionais da Ilha da
Madeira ou ainda os utilísimos Fo-
gões e Esquentadores «Gazcidla» e as
melhores panelas de pressão

cuja posse todas as senhoras ambicionam

Telefone 82

Transportes de Carga Louletana, L.^{da}

L. Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos
a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova
do Desterro, 35, para a

Rua de S. Mamede, 24-D. (ao Caldas)
Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem
ser tratados com

Pires ou Sousa

Boas notícias para as donas de casa!

Novidade sensacional!

A indústria francesa
acaba de lançar no mer-
cado um aparelho que
livra as senhoras de des-
cascar batatas e moer
legumes.

Peça uma demonstração

Distribuidor exclusivo
no Algarve dos apare-
lhos «Legumex»,
de grande utilidade na
cozinha

Eduardo Correia
Telef. 82 Loulé

O Ensino Técnico

QUEM notasse o silen-
cio poderia ter julga-
do que a nossa pena, em-
bora débil, se quebrara de
encontro a qualquer obstá-
culo. Não, pela palavra
não.

E como o bom filho à
casa torna, cá estamos de
novo, com os nossos tiros
de prêlo a agitar a causa
de Loulé.

Pretendemos fazer algu-
mas considerações sobre o
ensino técnico profissional;
considerações, que devem,
tanto quanto se possa tor-
nar conhecidas, por todos
que se interessam por tão
importante ramo de ensi-
no, mórmente pelos loule-
tanos. Tem-se visto por
essas terras fóra dedica-
ções verdadeiras dos seus
naturais no conseguimento
de subsídios para a cria-
ção de escolas técnicas pro-
fissionais.

Principiaremos por fazer
notar que lá fóra, noutros
países, este ensino inicia-
se na escola primária;
desta maneira, as crianças,
aprendem trabalhos rudi-
mentares que muito lhes
aproveitam, e se mais tar-
de, depois de saírem do en-
sino primário se entregam
a um ofício, embora sem
preparação aquele já serve
de base a uma adaptação
profissional mais completa
que pr.ará bons operários
e hábeis mestres.

Concordamos que muito
já se tem feito entre nós,
senão vejamos e ponha-se
em atenção a publicação
da Reforma de 1948 que
veio abrir novos horizon-
tes a este ramo de ensino,
com a atribuição de capi-
tais para construção de no-
vos edifícios, adaptação de

outros, permitiu entrar-se
no caminho das realidades,
muito embora, em Loulé,
ainda esteja um pouco lon-
ge de atingir a plenitude
do fim desejado por esta
populosa terra que, infeliz-
mente, vê continuar sem
resolução este importan-
tíssimo problema não só
de grande necessidade para
o concelho, com a maior
população do Algarve, mas
principalmente para este
conhecido centro comercial
e industrial, das mais im-
portantes da província, e
que há muito vem mani-
festando a sua alma artís-
tica e que caminha agora
para o progresso.

Alguma coisa já se tem
feito, é certo, como se vê
pelo plano de actividades da
Câmara Municipal, apre-
sentando a Sua Ex.^a o Mi-
nistro da Educação Nacio-
nal o pedido da criação de
uma Escola Profissional;
mas, como acontece quase
sempre com as melhores
intencções, deixam-se, por
vezes, correr as iniciativas
ao sabor dos que esperam
tudo do dia de amanhã, à
mercê do que vier, do que
lhes caia lo céu.

No dia em que as autar-
quias locais, como presen-
temente se verific, consa-
grarem maior atenção a
este assunto: a criação da
Escola, muito embora se
saiba que não se pode fa-
zer tudo num só dia, e que
os poderes públicos olhem
com olhos de ver a vida
intensa dos louletanos, te-
remos o caso resolvido.

Tivemos sempre por nor-
ma pugnar pela justiça, di-
zendo abertamente o que
sentimos, muito embora as
nossas apreciações não ter-
nh m valor, mas são sín-
ceras, que nos levam ain-
da a dizer ser velho sestro
de certa gente deixar cor-
rer à revelia os interesses
públicos e só cuidar deles
quando os factos consuma-
dos já não permitirem re-
médio.

Ficará para o próximo
número a continuação das
nossas apreciações.

Augusto C. Bolotinha



Agência em LOULÉ
Laginha & Ramos, L.da
Telefone 69

Se aprecia
«A VOZ DE LOULÉ»
recomende-a aos
seus amigos

Farmácia MADEIRA

Direcção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71

LOULÉ

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTÂNCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

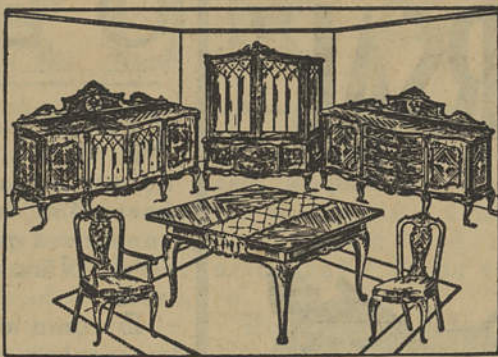
PERFUMARIAS, ETC..

Produtos destinados à higiene e à profilaxia

MOBÍLIAS... DECORAÇÕES...

QUANDO
V. Ex. estiver interessado
em comprar

Mobílias ou artigos de decoração



Não deixe de apreciar o vasto sortido em exposição
permanente nas novas instalações da

CASA SAILGADINHO

RUA 5 DE OUTUBRO, 91-95

CARPETES ~ TAPETES ~ PASSADEIRAS

Artísticas arcas em estilo oriental e outros
modernos.

Lindos e modernos modelos em camas para
crianças.

Malas de viagem em fibrete, fibra e lona

Mobílias completas e móveis avulso

Não compre sem consultar os nossos preços

Exposição permanente e actualizada dos melhores e mais elegantes estilos em mobiliários
de todos os géneros na RUA 5 DE OUTUBRO N.º 91-93 - LOULÉ

Guarde recordações de seus filhos

O primeiro passinho vacilante do bebé, o
seu sorriso inocente... tão naturais e
verdadeiros como eram nesse instante!
Mais tarde será difícil lembrá-los.

Fixe para sempre esses instantâneos
com uma boa foto tirada na

FOTOGRAFIA

Guerreiro Padre, Suc.ª

Avenida José da Costa Mealha

LOULÉ

VENDE-SE Adjacente de Guarda-Livros

TERRENO

OFERECE-SE

Autorizado para constru-
ção, na Avenida Marginal
em Quarteira.

Tratar com Isidoro Mar-
tins dos Santos, em Quar-
teira ou Loulé.

Com muita prática de
Contabilidade e de serviço
de escritório.

Nesta redacção se in-
forma.

MOTORES Terrestres e Marítimos

A PETRÓLEO - A GASÓLEO

das melhores marcas
e aos melhores preços

Em exposição no estabelecimento

DE José Reinaldo
Gomes Pacheco

R. Ferreira Neto, 23 - Telef. 495

FARO

Se deseja

comprar máquinas
industriais e agrí-
colas, visite o Stand
de José de Sousa
Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 - LOULÉ

PADARIA

Crespa-se ou Alaga-se

Com boa laboração, situada
na Campina de Cima, com
casa de habitação com 5 di-
visões, água e luz. Próximo
da Avenida José da Costa
Mealha.

Quem pretender dirija-se a
José Francisco Pinguinha J.º.
Campina de Cima - Loulé.

O DESPORTO como meio educacional do homem

O desporto seguido por
todos os atletas, numa
forma que seja não só
benéfica às condições fisi-
cas, mas que se torne tam-
bém engrandecedor das
qualidades cívicas, não há
dúvida que se pode consi-
derar como meio educacio-
nal do homem.

Grandes figuras do de-
senvolvimento desportivo
Mundial, tentaram exprimir
este desideratum numa
síntese perfeita, par-
tindo de certos princípios
e seguindo esclarecidos ru-
mos. Temos por exemplo o
famoso renovador das
Olimpíadas modernas, o
barão Pierre Coubertin
que nos deixou assim a sua
definição: «O desporto é o
culto voluntário e regular
do exercício muscular in-
tensivo, firmado no desejo
do progresso e que pode ir
até ao sacrifício.» Visto isto,
a cultura desportiva tem
em vista um certo fim, e
para que seja alcançado
esse objectivo, é necessário
que a educação do atleta,
seja suficiente para acom-
panhar o ritmo do sacrifi-
cio.

Portanto o que se quer
procurar, é o ponto de vi-
sta educacional, no campo
restrito de qualquer exer-
cício físico. E para isso, é
necessário não esquecer-
mos a frase do Dr. Quiri-
no N. Mealha: «A Educa-
ção não deve visar o ho-
mem na idade adulta, mas
sim no seu período de de-
senvolvimento quer inte-
lectual quer físico.»

Será desnecessário falar
na necessidade de maior
empenho na valorização, o
que diz respeito ao despor-
to praticado pela juventude,
sem dúvida, base prin-
cipal da instrutividade fi-
sica.

Para que o homem este-
ja na realidade apetrecha-
do de boas condições fisi-
cas, e que se complete como
desportista, é fundamen-
talmente necessário que ne-
le existam condições cívicas
proporcionadas às cita-
das anteriormente, para
que desta forma, o atleta
saiba apresentar-se no cam-
po da luta, de maneira a
não comprometer a sua in-
discutível classe.

Além do que já me re-
feri, o desporto tem que ser
motivo de sólidas e varia-
das monografias méd co-
higienísticas—o que aliás
não tem faltado: Sobre ele
têm-se debruçado, com pa-
ciência crítica, o cardiolo-
go, o sexólogo, o fisiolo-
go, o otorinolaringologista,
o endocrinólogo, o os-
teologista, o tipologista, etc.
Estudos estes necessários,
e considerados urgentes pe-
lo Sr. Dr. Silvio Lima, que
considera o verdadeiro des-
porto uma obra racional,
clássica e científica. E, ao
mesmo tempo diz: O des-
portista não é um ser iso-
lado, abstracto, produto ar-
tificial da razão teórica,
mas um ser de carne e os-
so, sangue e nervos, uma
pessoa como as outras, que
joga sim, mas que simulta-
neamente trabalha e pro-
duz, estuda e ama a beleza,
cumpre a moral e serve a
grei, numa palavra, um ci-
dadão.»

O verdadeiro desporto
longe de ser coisa frívola,
constitui um assunto sério,
que pede auxílio moralis-
tico e estudos de conjunto
ou síntese; dando-nos de-
pois disto, uma ideia de ins-
trumento humanístico de
cultura e desporto.

Salir

José António G. Cavaco

CASA ESTRELA

DE

A. A. ESTRELA, FILHO, S.ºr

Rua de Santo António, 61 - PORTO

ARTIGOS RELIGIOSOS

O maior sortido aos melhores preços—Restauro
de imagens antigas—Fornecedora das principais
casas do País

VISITEM ESTA CASA

Os noivos que desejem mobilar o futuro
lar ou os casais que queiram actualizar
o mobiliário de suas casas)

DEVEM CONSULTAR

os preços e ver a extraordinária e linda exposição
de mobílias e adornos para o lar na

CASA CHUMBINHO

Rua do Cabo — LOULÉ

Reparação e fabrico de tapete de madeira em
máquinas de costura, com a máxima perfeição

HUSQVARNA

EXPOENTE MAXIMO DA INDUSTRIA DE MAQUINAS DE COSTURA

Fabricadas na SUECIA com os seus
AFAMADOS AÇOS

APRESENTA OS MODELOS 1956

Vendidas em prestações mensais a partir
de 102,000

REPRESENTANTES GERAIS

SOC. LUSO-SUECA, L.ª

COM SÉDE EM LISBOA NA R. ALEX. HERCULANO, 9-A
E FILIAIS EM TODO O PAÍS

FILIAL EM LOULÉ—Rua 5 de Outubro, 92

VIVA O ESPIRITO!

Pelo Dr. Amadeu Ferreira de Almeida

PENSO que o espírito é aquela centelha que ilumina o cérebro dos eleitos que o têm e que só por esse facto provam possuir o único bem que aproxima o homem da divindade.

Petit-Leon escreveu que em Paris o espírito é tanto que até corre pelas ruas, por isso algumas vezes é pouco limpo.

As nossas revistas teatrais têm às vezes o seu lampejo de graça. Um exemplo da do pequeno Teatro A. B. C.: Um cavalheiro fez este anúncio: «Boa dactilografia precisa-se, sendo muito boa não precisa ser dactilografia.»

Tenho pelas pessoas de espírito profunda veneração, e tanto que até me faz perdoar

todos os seus defeitos, como por exemplo com Oscar Wilde. As minhas leituras foram sempre desse género, como prova o meu «Dicionário Excêntrico», com 2.520 citações de 610 autores, o qual se esgotou completamente, e, apesar disso, o editor não quiz reimprimi-lo por motivos de carácter comercial. Não era um homem de espírito!

Como creio que na florescente vila de Loulé, deve haver quem pense como eu, venho chamar a sua atenção para dois dos poucos escritores que hoje só cultivam o espírito: Dr. Luís de Oliveira Guimarães em todas as suas palestras e, na Emissora Nacional do Porto, o sr. Heitor de Campos Monteiro, que todos os sábados, às 8,45 h., lê a sua crónica humorística, em que escarpela os vícios e defeitos da humanidade, com imensa graça e notável perseverança, pois que a sua já famosa rubrica: «Remédio de Graça», tem talvez já dois anos de inesgotável produtividade. Apreciamos nele, além do bom humor e cultura, a espontaneidade, a justiça no ataque, o bom gosto e o superior e tão raro juízo crítico.

A do sábado, 17 de Novembro findo, foi um primor no género e impoz se pelo achado e pela oportunidade, criticando finalmente a morosidade com que as Potências querem salvar da fome e do frio a Hungria mártir, movendo-se a passo de boi, o que lembra aquela estrofe dos Lusíadas em que certa rainha portuguesa, casada com um espanhol, pediu socorro ao régio pai, dizendo-lhe: «Corre, pai, porque se não corres já não encontras a quem socorres!»



União de Mercarias do Algarve, Lda

Deseja a todos os seus Ex.ºs Clientes e Amigos BOAS FESTAS e um ANO NOVO muito feliz

TELEFONE 22

Arlésio Castanho

Oficina de reparações de Automóveis



Rua Infante D. Henrique

Telef. 233

LOULÉ

Cumprimenta os seus Ex.ºs Clientes e Amigos desejando-lhes um Feliz Natal e um Ano Novo próspero

Festas alegres e um Feliz Ano Novo, deseja aos seus Ex.ºs Clientes e Amigos o proprietário do

Café Avenida

Telefone 106

Os melhores Espumantes e Vinhos do Porto para as Festas de NATAL e ANO BOM

Trespassa-se

Trespassa-se um estabelecimento no melhor local da vila, por motivo de retirada do proprietário.

Informa-se nesta Redacção.

SAUDADE

*Saudade, palavra doce,
Que traduz tanto amargor,
Saudade é como se fôsse
Espinho cheirando a flor!*

*Saudade, ventura ausente,
Algo que longe se vê,
Uma dor que o peito sente
Sem saber como ou porquê.*

Dá

Terra preta, apropriada para fazer horta, a tirar de um quintal sito na Rua 1.ª de Dezembro, desta vila.

Quem pretender dirija-se a Manuel Silvério Castro Martins.

O trabalho que dá o necessário, a filosofia que ensina a evitar o supérfluo: eis as verdadeiras riquezas.

Petit-Senn

**Joaquim Rodrigues
Pintassilgo**

Proprietário das

**Alfaiatarias
Pintassilgo**

de LOULÉ e de FARO

Telef. 245

Telef. 719

Deseja a todos os seus Clientes e Amigos muito BOAS FESTAS e as maiores prosperidades no ANO NOVO



A Mecanográfica

de António Gonzalez

Telefone 119

F A R O

Representante no Algarve dos magníficos produtos alemães: máquinas de escrever TRIUMPH e fogões a Gazcidla ORANIER

Cumprimenta os Ex.ºs Amigos e Clientes desejando-lhe Festas Alegres.



Eduardo Correia

PROPRIETÁRIO DO

«Salão de Cabeleireiro Eduardo» e «Perfumaria da Moda»

Telefone 82

Cumprimenta as suas Ex.ºs Clientes desejando-lhes BOAS FESTAS e um ANO NOVO muito Feliz

Os Proprietários do

Café Calcinha

Apresentam aos seus Prezados Clientes e Amigos os seus melhores cumprimentos de BOAS FESTAS, desejando-lhe um FELIZ ANO NOVO.

Garage Avenida

Manuel dos Santos Centeno Passos

Agente dos Produtos SHELL

Deseja aos seus estimados clientes e amigos BOAS FESTAS e um ANO NOVO feliz

Telefone 135

LOULÉ



Z Á Z Á

A MELHOR

**SAPATARIA
CHAPELARIA
CAMISARIA**

SÓ ARTIGOS DE LUXO

A casa que mais barato vende

Praça da República

LOULÉ

A Sucursal em Lisboa da

União de Camionagem de Carga L. da

mudou da Rua de S. Mamede (ao Caldas) 22-D.
para a RUA DOS DOURADORES, 12 e 14—Telef. 36.8788

Transportes de Carga para todo o País

SÉDE

Rua Padre António Vieira

Telef. 22 e 140

LOULÉ

SUCURSAL

R. dos Douradores, 12 e 14

Telef. 36.8788

LISBOA

PRÉDIOS VENDEM-SE

Por motivo de partilhas, vendem-se 3
prédios pertencentes aos herdeiros de Sebas-
tiana Maria Guerreiro, situados na Rua Dr.
J. Almeida e Rua António C. Ascensão.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal
— LOULÉ.

Rafael Almeida Santos

R. DIOGO CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação
para AUTOMOVEIS, MOTORISTAS

e candidatos a
CONDUTORES



**A AGÊNCIA MAIS
CONHECIDA NO SUL DO PAÍS**

TELEFONES | Escritório 2206
Residência 2768

Pensão Alentejana

Largo da Trindade, 16

Telefone: 23084

LISBOA

Com nova gerência e completamente remodelada,
esta pensão, situada no melhor local da
cidade, dispõe de magníficos aposen-
tos e óptimo serviço de mesa

Preferi-la é ter a certeza de ficar bem servido
Preços convidativos

A Exportação DE CORTIÇA

A nossa exportação de cortiça em discos de Janeiro a Abril de 1956, foi de 822 toneladas, no valor de 24.513 contos. Os principais países compradores foram: o Reino Unido, com 235 toneladas e 5.591 contos; a União Sul-Africana, com 122 toneladas e 3.424 contos; a Holanda, com 118 toneladas e 3.310 contos; a Checoslováquia, com 31 toneladas e 1.897 contos; a Bélgica-Luxemburgo, com 65 toneladas e 1.817 contos; a Itália, com 26 toneladas e 1.378 contos; Hong-Kong, com 27 toneladas e 1.184 contos; e com menos de mil contos, a Índia, Indonésia, Roménia, Irlanda, Alemanha, Austria, França, Noruega, Suécia, Chipre e muitos outros países.

Quadras do Povo

Já lá vem o Sol nascendo,
que é o rei das alegrias.
Como pode o sol ser velho,
nascendo todos os dias?

O amor e a laranja
assemelham-se ao infinito:
pois, por mais doces que sejam,
sempre têm um agrozito.

A serra corta a madeira,
e a lima corta os metais:
a língua que não tem freio,
corta a casaca dos mais.

Alfaiataria YORK

Trespassa-se ou ar-
renda-se.

Tratar na Rua Candi-
do Guerreiro, 43 - Loulé.

CASA

Vende-se uma casa com
chave na mão, com jardim
à frente, 6 divisões, luz,
quarto de banho e horta
com água tirada a motor
e ainda 4 compartimentos
separados para arrecada-
ção. Junto à estrada de S.
Brás, próximo da Rotunda
da Avenida.

Tratar com Agostinho
Bernardo - Loulé.

CURRENTE CALAMO

Água mole em pedra dura

A maldade e mesquizez
de certas pessoas não
têm limites. É difícil dizer e
conceber quanto pode fazer
todo o ódio que a besta hu-
mana é capaz de em seu seio
gerar. E menos fácil se torna
por vezes poder imaginar os
secretos designios albergados
em palavras da mais aparente
construtiva serenidade.

Estas considerações assal-
tam-nos o espírito quando le-
mos certo fraseado em alguns
periódicos da Província, qua-
se sempre pródigos em encó-
mios e críticas que confundem
os lugares e os factos com as
pessoas que os movimentam,
ou as pessoas com as situa-
ções — o que, mau grado nos-
so, é frequente.

Não se gosta de Fulano ou
de Sicrano? (Porquê, não in-
teressa dizê-lo. Pode até mes-
mo acontecer que seja porque
esse Fulano ou Sicrano, com
razão, não gosta de nós...).
Não se gosta, pois não? En-
tão o remédio é simples. As-
sim à maneira de qualquer
Apóstata, lança-se a mão crimi-
nosa à lama das próprias
entranhas e atira-se ao ar —
para que vá, a modos de ca-
rapuça, cair sobre alguém que
em sua vida honesta segue
despreocupada e rectamente o
seu caminho. E a seguir, para
se dar um ar sério à coisa,
diz-se cinicamente: «Qualquer
parecença com a realidade é
mera coincidência...»

Pobres fautores da chafur-
dice humana! Até quando du-
rará a sua coragem e conti-
nuarão impunes, perante Deus
e perante os Homens? Por-
que, se Aquele vê tudo e tudo
sabe, estes precisam esclare-
cer-se a si próprios e esclare-
cer os outros.

Esclarecer-se a si próprios,
não fazendo a vista grossa,
sorrindo e encolhendo os om-
bros, como fantoches de ati-
tude prefabricada, incapazes
de dar à alma outra orienta-
ção que não venha dos movi-
mentos automatizados pela
energia dos cordéis... que os
outros puxam.

Esclarecer os outros, não se
arvorando em defensores fal-
sos de uma fácil demagogia,

arrastando o povo no enalço
de uma miragem, que a sua
honestidade, se existisse, tinha
obrigação de denunciar. Não
pretendemos dizer que deves-
sem explicar as leis físicas que
mostram a razão dessa mira-
gem, mas asseguramos que a
todos os incautos deviam de-
clarar tratar-se de nada mais
que de uma miragem.

Mas, quê?!... Não só não
fazem, como se servem da fal-
sidade e constroem a falsida-
de para os fins mais inconfes-
sáveis. Quer dizer: não só não
endireitam o que está torto,
como entortam o que porven-
tura ainda esteja direito.

E as suas penas, tal-qual-
mente as setas dos selvagens,
escorrem veneno, derramando
rios de tinta que transformam
em rios de sangue. E as suas
línguas cortantes como lance-
tas, malélicas como de víbo-
ras, são o eterno estigma da-
queles que não lhe são gratos.
Salomé cortou a de S. João
por ter dito verdades e prê-
gado o Bem; não haverá al-
guém que corte estas que di-
zem mentiras e pregam o Mal?

Salva a razoável distância
de géneros, ocorre-me que
ainda não há muito tempo
encontrei em um semanário
beirão uma penada, dada a
propósito de futuros (!) «fi-
lhos de ninguém», como se
exprimiam o escrevinhador.

Ignoro se não se tratará de
gastar uma caixa de fósforos
para encontrar o tostão caído
no escuro, e pergunto a mim
mesmo se, perante o ar divi-
natório e apocalítico daquela
meia dúzia de linhas, não ca-
berá rezear o perigo de um
aborto...

R. G.

Ginginha Santo Antão

e Eduardino

Vinhos Azeias, Branco
corado e tipo bucelas

As melhores qualidades
VENDE

M. Brito da Mana
Telefone 18 Loulé



Mabilia

Salão de cabeleireiro

SE tem bom gosto
pretende ser bem servida
deseja um penteado artístico e distinto

prefira o Salão Mabilia

As mais recentes criações em:

Ondulações — Mises — Corte

Mabilia sinónimo de elegância e distinção
sinónimo de bem servir

Largo Gago Coutinho, 2-1.º

LOULÉ

FUTEBOL

3.ª Divisão

A contar para o Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão, realizou-se no dia 2 do corrente, às 15 horas, no Campo de Jogos «Gomes Socorro» em Vila Real de Santo António, o encontro de futebol entre o Clube local e o Louletano Desportos Clube.

Sob a arbitragem do sr. Armando de Sousa, de Faro, os clubes alinharam:

Lusitano — Joaquim Costa Rodrigues, Sebastião Pescada, Fernando Mendes, Alfredo Lopes, Daniel do Carmo, João Parra, Marco Aquino Gonçalves, João Claudio Antunes, Joaquim Araújo Bandeira e Ludgero Rodrigues Leal.

Louletano — José Francisco, Joaquim Neves, José António, Loureiro, Américo Correia, Romeira, Serra, Casanova, Ramos, Bernardo e Casimiro.

O jogo despertou certo interesse no público louletano cujos adeptos se deslocaram àquela simpática Vila fronteiriça, no desejo firme de apoiarem e aplaudirem os respectivos atletas.

A partida pertenceu aos locais — que este ano é formada na sua quase totalidade de elementos novos — e, mercê do esforço do seu categorizado treinador — Eduardo Augusto, se encontra à cabeça da classificação geral.

A 5 minutos do começo o Louletano perdeu boa oportunidade de gol, pois Casimiro não aproveitou um passe com boa conta sobre a baliza de Rodrigues, fazendo com que o esférico caísse pela linha de cabeceira, pelo seu lado direito.

Verificou-se durante os primeiros quinze minutos de jogo o Louletano a dominar o campo; porém aos 16 minutos o Lusitano marcou o seu primeiro gol, por intermédio de Marco. — O Louletano procurou reagir, fazendo boas jogadas com perigo para as redes de Rodrigues, sem que contudo conseguisse igualar e aos 25 minutos Antunes fez o 2.º gol do Lusitano. — Este segundo gol provocou certo desânimo nos jogadores louletanos, cuja defesa não esteve à altura daquilo que valem, e aos 40 minutos novo tento do Lusitano por intermédio de Carmo que, a meio campo bateu José Francisco, num certo remate ao canto do lado direito e aos 44 minutos Bandeira, completou o 4.º gol, resultado com que finalizou a 1.ª parte do encontro.

Recomeçada a partida, com a defesa louletana em má actuação e José Francisco num dos seus dias infelizes, o Lusitano aos 2 minutos marca o seu 5.º gol por intermédio de Parra e um minuto depois Bandeira marca o 6.º. — Na disputa da bola com Américo Correia, Antunes lesionou-se passando o Lusitano a jogar com 10 homens, a 4 minutos do começo da 2.ª parte, mas, nem mesmo assim, o Louletano conseguiu levar a melhor e só na marcação de um livre indirecto dentro da grande área Loureiro conseguiu marcar, único gol do seu Clube, aos 23 minutos. — Aos 33 e 37 minutos, respectivamente, Parra marcou as 7.ª e 8.ª bolas do seu clube resultado com que finalizou o encontro.

Derrota pesada de mais para a equipa Louletana, e boa exibição do Lusitano.

Após esta jornada o Louletano passou para o último lugar da classificação geral com a diferença de 4 pontos do 1.º classificado.

Arbitragem imparcial e acertada.

No dia 9 não se realizou o encontro entre o Louletano e os Unidos Sambrasenses, por virtude da feira da Nossa Senhora da Conceição que teve lugar nesse dia, pelo que ambos os clubes têm um desafio a menos.

J. G.

Auxilio do Natal aos algarvios pobres residentes em Lisboa

Sob a presidência do sr. Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida, reuniu em 7 do corrente a Comissão de Beneficência da Casa do Algarve, com a comparência do respectivo presidente honorário, sr. Coronel Aboim Ascensão de Sande Lemos e das protectoras assistentes da mesma Comissão, sr.ª D. Raquel Farmhouse da Graça Mira, Dr.ª D. Maria João Lopes do Paço, D. Alice Esteves Guerreiro Murta, D. Emília do Nascimento Mealha, D. Ilda Cansado, D. Maria das Dores Villas Pacheco, D. Maria Eugénia Mardel Correia, Dr.ª Maria Odette Leonardo da Fonseca e D. Rosária Fernandes Moreno, tendo deliberado promover a urgente recolha dos donativos necessários, em dinheiro, conservas, agasalhos e brinquedos, para que a distribuição do seu bodo do Natal do corrente ano não seja inferior à do ano findo, em que foram contemplados mais de 500 algarvios pobres inscritos.

Abriu com 1.200\$00 a relação de donativos o presidente honorário da Comissão, sr. Coronel Sande Lemos, sendo entregue também pela sr.ª Dr.ª Maria Odette Leonardo da Fonseca a importância de 500\$00, saldo apurado no recente almoço de confraternização dos antigos professores e alunos do Liceu de Faro, de que foi a organizadora, sob o patrocínio da Casa do Algarve.

Ecos de Boliqueime

Com 101 anos de idade faleceu no dia 1 do corrente a Sr.ª Carolina de Jesus, viúva, do sítio do Aroal desta freguesia. Deixou uma filha, a Sr.ª Maria Carolina, que já conta 81 anos de idade e parece não querer ficar atrás da mãe em longevidade.

— Após prolongado sofrimento, faleceu no dia 2 do corrente o sr. Rodrigo Joaquim de Sousa, conceituado comerciante nesta localidade. O estinto contava 56 anos de idade. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Santana Gomes de Sousa, e era pai do sr. Leonel Gomes de Sousa, empregado na Caixa Geral de Depósitos em Lisboa.

A família enlutada os nossos pésames.

C.

APRECIA este jornal?

Prestará um bom serviço recomendando a sua assinatura a algum amigo.

Quanto maior for o número de assinantes de «A Voz de Loulé» melhor se tornará a sua apresentação e a sua colaboração.

Novo Tesoureiro Municipal

POR deliberação da Câmara Municipal, em sua reunião de 25 de Novembro, foi nomeado Tesoureiro Municipal de Loulé, o sr. José Eusébio da Silva, que, há anos, desempenhava as funções de Aspirante de Secretaria na nossa vila, onde é geralmente estimado, pelas suas qualidades pessoais.

O referido funcionário foi classificado em recente concurso de promoção para o ingresso no Quadro Geral.

Ao novo Tesoureiro Municipal desejamos as maiores facilidades e felicidades no desempenho do seu cargo.

Banco Il. Ultramarino

A FIM de representarem a Dependência de Loulé, deste prestante organismo bancário, nas cerimónias e banquete de homenagem aos funcionários que completam 40 anos de serviço, deslocaram-se a Lisboa, no dia 14 do corrente os Srs. Raul Rafael Pinto, nosso prezado colaborador e digno gerente de Agência e Sebastião dos Santos Silva, primeiro escriturário, ajudante de guarda-livros.

Aos nossos assinantes

(CONTINUAÇÃO)

nanceiras nos obrigam a prescrever que a cobrança seja efectuada adiantadamente, a maioria dos nossos assinantes têm a sua assinatura paga até ao fim do corrente ano.

Com a passagem do nosso jornal para semanário a partir daquela data, é chegado o momento de avisarmos que essa mudança de periodicidade importa naturalmente um aumento de preço das assinaturas.

E' nossa obrigação avisar, elucidando o preço e as condições da assinatura, para que no acto do pagamento não haja confusões sempre aborrecidas.

Reconhecida a impossibilidade de se manterem as 8 páginas com que quase normalmente o jornal se vinha publicando ultimamente (o que aliás, a diminuta publicidade nem sempre economicamente permitia) fica estipulado que de futuro terá normalmente 4 páginas, que serão aumentadas quando a publicidade permita esse encargo. Ficará no entanto com formato maior.

Ao contrário do que acontece com a maioria dos nossos colegas, cuja cobrança é feita por exemplares por ser variável o número de semanas em em cada mês, a nossa modalidade de cobranças manter-se-á para simplificação dos serviços de administração e principalmente porque os nossos assinantes já se habituaram a pagar o jornal por períodos certos de meses.

Em face do exposto, os preços de assinatura do nosso jornal passam a ser os seguintes:

Trimestre	14\$00
Semestre	28\$00
Ano	50\$00
Ultramar (Ano)	60\$00
Estrangeiro (Ano)	70\$00
Avulso	1\$20

Sempre que a cobrança for efectuada pelo correio ou pelos nossos

agentes terá um aumento de 1\$50 seja qual for a importância do recibo.

Chamamos a atenção dos nossos estimados assinantes para o facto de só aparentemente A Voz de Loulé passar para o dobro do preço, pois publicav m-se sómente 2 jornais por mês, enquanto que futuramente haverá meses de 5 jornais.

«Novidades»

Comemorou há pouco mais um aniversário o nosso prezado colega «Novidades», órgão oficial da Igr. ja.

Entre os actos festivos da auspiciosa data, figurou uma missa celebrada pelo Venerando Bispo desta diocese, na Igr. ja do Sagrado Coração de Jesus, paróquia da sede daquele nosso colega a quem, bem como ao seus ilustre director corpo redactorial e pessoal que para ele trabalha, desejamos longa e próspera vida.

Em benefício do povo hungaro

POR determinação do Sr. Bispo do Algarve, realizou-se há dias nesta vila um peditório para recolha de donativos destinados a contribuir para minorar o sofrimento do infeliz povo hungaro.

Colaboraram nesta benemérita iniciativa os párocos das freguesias da vila e as alunas do 5.º ano do Externato Infante D. Henrique, tendo-se recolhido 2.050\$00, medicamentos e agasalhos.

Uma marca que é uma garantia de pureza e qualidade:



Vinhos de fabricação esmerada de:

João de Sousa Murta
Areeiro — Almancil

Telefone 167 (de Loulé)

Cultura Louletana

Um concuzso baizista

Continuamos a publicar o original recebido para este nosso interessante concurso.

As palavras de desânimo que proferimos no seu início, vai correspondendo o recebimento de novas produções de jovens louletanos, o que

afinal nos anima a prosseguir.

Deste modo, continuaremos a receber produções para o nosso concurso cujo fim anunciaremos quando estiver prestes a esgotar-se o original já em nosso poder.

Por hoje mais uma produção:

Beleza algarvia

Ao fim de Portugal, num dos extremos
Ao Sul, muito ao Sul, beijando o mar
Numa Província duma beleza sem par
Há uma terra a quem todos muito queremos.

No «Jardim dos Amuados», onde teremos,
A cada instante, a doce vontade de amar
As algarvias, lindas moiras de encantar,
Com seus olhos, os mais belos que conhecemos.

Tanta beleza, por meus olhos, nunca vista
Encerras tu, Algarve, com tanta força e ardor,
E, uma delas que de mim tanto dista.

Essa Loulé, que com seu grande valor
E' poderosa, bela, rica e fantasista,
Possuidora do meu grande e belo amor.

FRAMAS

Notícias de Albufeira

Comemorando o dia da Restauração, a Mocidade Portuguesa, percorreu as ruas da vila tocando o Hino.

No Cine-Pax, realizou-se na tarde uma sessão solene, para entrega de prémios aos 2 alunos que mais se distinguiram durante o ano lectivo findo.

Foram lidas e entregues as cartas enviadas pelo Senhor Ministro da Educação Nacional, e bem assim os livros, oferta também daquela entidade.

— O dia da Padroeira de Portugal foi festivamente comemorado, tendo sido realizada uma sessão solene na Casa da M. P. efectuada pela Legião Portuguesa. Realizou-se Missa na Igreja Matriz e na tarde, a procissão percorreu as principais ruas da Vila, tendo-se incorporado a Banda da M. P., associações religiosas, e representantes das entidades e agremiações locais, e muito povo.

A. Leote

Virgílio Alvarez Fernandez

Proprietário da

Pensão Conde



Deseja aos seus Prezados Clientes e Amigos Festas Alegres e um Novo Ano muito Próspero.

Excursão FIM DE SEMANA EM SEVILHA

De 12 a 14 de Janeiro de 1957

Assistindo-se ao encontro de futebol entre as equipas do SEVILHA e REAL DE MADRID, da qual fazem parte os famosos internacionais DI STEFANO (de nacionalidade argentina) e KOPA (de nacionalidade francesa).

O preço desta excursão é de Esc. 100\$00 (só transporte) em moderníssimo auto-carro da E. V. A. L. da

ORGANIZAÇÃO DA

Agência Peninsular de Viagens e Turismo

Telef. 216 Rua Conselheiro Bivar, 58 FARO

"A Voz de Loulé"

(Continuação da 1.ª página)

pender mais do que umas escassas horas da noite para tratar do jornal. Não fazemos vida de «jornalismo» nem temos o jornal para nos servir, mas sim para servir Loulé.

Outro tanto acontece com o nosso dedicado director, Sr. Dr. Jaime Guerreiro Rua, a quem pedimos licença para, publicamente, exteriorizar a nossa gratidão, que deve ser também a de todos os louletanos amigos da sua terra, pelos inestimáveis serviços que tem prestado à «Voz de Loulé» com o prestígio do seu nome e com o valor da sua pena brilhante. Sem nada mais esperar do que a simples satisfação de um dever cumprido para com a terra natal, nem nada querer que lhe dê uma compensação das cansaças, preocupações e do tempo que o jornal lhe rouba aos seus múltiplos afazeres profissionais o Sr. Dr. Jaime Rua concordou em atender os numerosos pedidos de muitos dos nossos conterrâneos para que passássemos o jornal para semanário, o que sem dúvida lhe acarretará mais transtornos e prejuízos. Agindo assim dá portanto uma lição de bairrismo, daquele bairrismo são, tão peculiar aos nossos avós, mas já tão raro nos nossos dias. Óxalá os louletanos saibam compreendê-la e apreciá-la devidamente.

José Maria Barros

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Manuel Mendes Inácio, requereu licença para instalar uma moagem de rações para gados, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua Garcia de Horta, n.º 2, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 14 de Dezembro de 1956.
O Engenheiro-Chefe da Circunscrição
João António da Silva Graça Martins

Automóveis VENDEM-SE

Automóvel Prefect S 16

Peugeot 203 S 18

Furgoneta Taunus M 15 S 22

Fordson S 22.

Tratar com Basílio do Nascimento — Telef. 74 — Loulé.

Os últimos feriados

Os últimos dois dias feriados — 1 e 8 de Dezembro — revelaram como está mal feita a regulamentação do trabalho ou do não trabalho em dias de tal natureza.

Assim no 1.º dia foi permitida a abertura dos estabelecimentos, mas não se publicaram jornais, no 2.º fecharam-se os estabelecimentos e saíram os jornais.

Parece-nos que a regulamentação dos feriados deveria ser feita por forma a que o comércio não andasse às aranhas, como anda sempre, até à hora, verificando se que alguns estabelecimentos abrem para a seguir fecharem outros só abrem quando, mais tarde, parte deles já abriram.

Porque não se estabelece o encerramento em todos os dias feriados?

São tão poucos e todos eles tão solenes que se não explica a qualidade de regime.

Também não esteve certo o encerramento no dia 10, segunda-feira, em substituição de 9, domingo em que, por ser dia de feira o comércio esteve aberto. E não esteve certo porque, embora o dia da feira propriamente dita seja 9, o movimento de feirantes ainda se mantém em 10. Que mal teria havido em que o encerramento passasse para terça-feira? O facto prejudicou bastantes pessoas.

E a propósito de feriados, sua designação e significado parecem-nos judiciosas as palavras do nosso colega «O Debate» que como vénia e franco aplauso transcrevemos:

A primeira república portuguesa esforçou-se por adular as comemorações religiosas, chamando Festas da Família ao dia de Natal; da Fraternidade Universal, ao dia de Ano Novo, e assim sucessivamente.

Agora sob a égide do Estado Novo, mesmo aceitando a hipótese que este nada tenha com isso, vai-se operando uma adulteração das datas tradicionalistas, cívico-religiosas, estando o 1.º de Dezembro a ser transformado no dia da Mocidade, o dia de Nossa Senhora da Conceição em dia das Mães, o dia de Nun'Alvares em dia de Infantaria, etc.

Achamos muito bem, que a Mocidade seja dado como exemplo valoroso o dos heróicos Restauradores da Monarquia Lusitana, e que nesse dia glorioso sejam convidados a meditar

no valor da independência pessoal e na independência da Pátria.

Mas, que isso seja feito, de facto, com os olhos na Pátria, não na Organização; contemplando os antepassados e não os contemporâneos; dando à data o seu verdadeiro significado nacional e não a fazendo esquecer ante qualquer significado privado.

*

Claro que no esquecimento da data do 1.º de Dezembro, não tem responsabilidade a Mocidade Portuguesa, que, muito louvavelmente fez e faz a sua comemoração.

Queixamo-nos, sim, é da falta de civismo exibida nas colunas dos jornais de grande circulação que parece terem esquecido a história de Portugal, para se excederem em plandicias ao que está, ao que existe, ao transi-tório, ao presente. Por singular paradoxo, foi o «República» um dos raros jornais que se lembrou da data, lhe dedicou um fundo e um desenho alegórico com bandeira coroada e tudo!

Valha-nos Deus!

E' no culto das suas datas e dos seus mortos que os povos, como as famílias, encontram motivos de exaltação, de orgulho, e de incitamento a sacrifícios e a sérios empreendimentos.

Se este culto falha, se é fomentado o seu esquecimento, como iremos construir o futuro? As construções sobre a areia movediça do tempo efêmero estão condenadas há um ror de séculos!

A Aranha Negra

Em primorosa tradução do conhecido e apreciado poeta e publicista sr. Dr. Elviro Rocha Gomes, culto professor do Liceu Nacional de Faro, que é também um autêntico valor como tradutor, iniciaremos no próximo número, em folhetim, a publicação do romance «A Aranha Negra», da autoria do notável romancista suíço Jeremias Gotthell.

Ao sr. Dr. Rocha Gomes endereçamos os nossos sinceros agradecimentos pela valiosa colaboração que assim presta a este jornal e felicitamos os nossos leitores por poderem ler uma obra de valor de um notável autor desconhecido do publico português.

Trespasa-se

Um estabelecimento de Mercarias, na Rua Serpa Pinto, 27 e 29, em Loulé.

Quem pretender dirija-se à morada indicada.



Manuel Pires Dias

Proprietário da

Recauchutagem «Balito»

Saúda todos os seus estimados clientes e amigos e deseja-lhes um Feliz Natal e próspero Ano Novo

Telefone 68

S. Braz de Alportel

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 98 — 16-12-1956

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela Primeira Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e nos autos de Acção de Divisão de Coisas Comum, que os autores Henriqueta Genoveva e marido Joaquim de Brito Carapeto, proprietários, residentes no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de São Sebastião, desta comarca, por si e como legais representantes de sua filha menor Ivone de Brito Carapeto, com eles residente, movem contra os réus Maria Luiza, viúva, doméstica, residente nas instalações da Sapec, comarca de Estarreja, e outros, para divisão de um monte que se compõe de casas de habitação e terreno de semeadura, inscrito na matriz predial urbana sob o art.º 1.883 e na matriz predial rústica sob o art.º 3.760, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os réus Filipe José, divorciado, trabalhador, ausente em parte incerta da Argentina e cuja última residência conhecida foi no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de São Sebastião, desta comarca; Inácio José, casado, trabalhador, ausente em parte incerta do Alentejo e cuja última residência conhecida foi no sítio de Barreiras Brancas, freguesia de São Clemente, desta comarca; José Francisco Pontes, casado, proprietário, ausente em parte incerta da América do Norte e cuja última residência conhecida foi no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, e José Francisco Pontes e mulher Isabel Sousa, ausentes em parte incerta de França e cuja última residência conhecida foi no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de São Sebastião, desta comarca, para, no prazo de Dez Dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido formulado pelos au-

Não compre

Mobílias ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

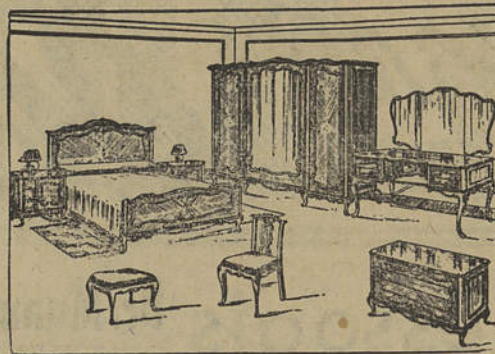
MOBÍLIAS ~ ESTOFOS ~ TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto **SYNTECO**

(que resolve o problema do enceramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa



AGRADECIMENTO

A família de Maria de Sousa Madeira, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de nomes, vem por este meio testemunhar a sua profunda gratidão a todas as pessoas que de qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar e às que se dignaram acompanhá-la à sua última morada.

Se aprecia

«A VOZ DE LOULÉ»
recomende-a aos seus amigos

AGENCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares



tores, constante da petição inicial, cujos duplicados se encontram patentes na aludida Secretaria, para lhes serem entregues, quando reclamados, com excepção dos referentes a Inácio José e José Francisco Pontes, que foram entregues às suas respectivas consortes em treze de Outubro, último, sob pena de se proceder à adjudicação ou venda nos termos do disposto nos art.ºs 1.051 e 1.059 do Código de Processo Civil.

Loulé, 19 de Novembro de 1956.

O Chefe de Secção,

a) Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

a) Marino Barbosa Vicente Júnior

A vossa beleza realçará

se os vossos vestidos forem executados com elegância e bom gosto!

Para o conseguir basta confiar a execução das vossas «toilets» a uma modista cujos conhecimentos de corte e costura lhe garantam aquela «linha» impecável que todas as senhoras apreciam

Em LOULÉ, pode V. Ex.ª confiar tranquilamente a execução dos vossos vestidos a

Maria Julieta Domingues

Rua do Bocage, 18 [próximo da Casa Cortes] Tel. 280

(Diplomada pela Escola de Corte Lídia Cabral e com larga prática de costura)



Srs. Lavradores

Para resolver os problemas de regas consulte

José de Sousa Pedro

Rua 5 d'Outubro, 29 a 33

LOULÉ

CASA

ALUGA-SE uma casa, num dos melhores pontos da vila, servindo para qualquer ramo de negócio ou moradia.

Entrega imediata da chave sem trespasse.

Dão-se informações nesta redacção.

Técnico Agrícola

Com longa prática de administração e avaliação de propriedades rústicas, põe à disposição dos interessados a sua colaboração.

Resposta a:

CARLOS G. RIBEIRO —
Rua 5 de Outubro, 60-1.º
Esq.º (Rua das Lojas) —
LOULÉ.

GARIMBOS DE BORRACHA

Confie as suas encomendas à GRÁFICA LOULETANA

DR. CUPERTINO COSTA

MÉDICO

Consultas das 11 às 13 e a partir das 17 horas

Consultório Residência Av. José da Costa Mealha, 82 — LOULÉ

Telefone 206

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

LOULÉ

Direcção Clínica de: **Dr. Manuel Cabeçadas**

DR. MANUEL CABEÇADAS

Doenças cirúrgicas e operações

Consultas todos os dias úteis às 15 horas

DR. ALVES VALLADARES

Doenças de nariz ouvidos e garganta

Consultas aos 1. e 3.º sábados de cada mês

Dr. Teodoro de Sousa Pedro — Anestesiologista

TELEFONE 52

LOULÉ

Encomende os seus impressos
na GRÁFICA LOULETANA

Notícias pessoais

Aniversários

Fazem anos em Dezembro:
Em 7, o sr. Joaquim Guerreiro Laginha.
Em 23, a sr.^a D. Sofia Fernandes Contreiras Palácios, residente em Lavradio.
Em 24, as sr.^{as} D. Maria Eleonora Gonçalves Oliveira e D. Cesaltina dos Santos Lima Ferreira, residente em Cacilhas e o menino Alvaro Manuel Rodrigues Guerreiro, residente em Sabrosa (Traz-os-Montes).
Em 25, o sr. Manuel Viegas, residente na Venezuela e a sr.^a D. Sofia Contreiras Fernandes Palácio, residente em Lavradio.
Em 26, as meninas Maria Angela dos Ramos Morgado e Dulcelina Maria Farrajota Bento.
Em 27, o menino Romeu Barreiros Caetano, residente na Venezuela.
Em 28, as sr.^{as} D. Maria de Lourdes dos Santos Guerreiro e D. Maria Inês Corpas Pereira, o sr. Manuel de Sousa Gonçalves Cachola e a menina Maria Manuel Borges do Nascimento Costa.
Em 29, os srs. Amadeu Pedro da Cruz e Anibal Bita Bota.
Em 30, a sr.^a D. Dora Maria Mendonça Viegas, residente em Lourenço Marques, a menina Guida Sant'Ana Fernandes e os srs. Domingos Vicente Duarte, residente em Angola e António de Sousa Chumbinho.
Em 31, a menina Maria Teresa Cristovão.

Partidas e chegadas

Deslocaram-se a Alcobaca a fim de assistirem ao baptismo de seu neto e sobrinho, as sr.^{as} D. Inácia Ricardo Cristovão e D. Maria Ricardo Cristovão.
—A fim de assistirem ao funeral de sua irmã, estiveram em Loulé, acompanhados de suas esposas, os nossos prezados assinantes em Setúbal, srs. Edmundo e José de Sousa Madeira.
—Com o mesmo fim também se deslocaram a Loulé os nossos prezados assinantes em Lisboa srs. Viriato e Américo de Sousa Madeira.
—Retirou há dias para Marrocos acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria Alice da Silva Gomes, o sr. José Gomes, nosso prezado assinante.
—Acompanhado de sua esposa e filhas esteve em Loulé o nosso prezado amigo e assinante em Olhão sr. Rui Eduardo da Glória Centeno, chefe da Secretaria da Câmara daquela vila.
—Tivemos o prazer de cumprimentar nesta o prezado amigo e conterrâneo sr. Casimiro Cavaco Correia de Brito da Mana, orientador da nossa página literária, residente em Faro.
—Esteve em Loulé o nosso prezado assinante e conterrâneo em Lisboa sr. Anibal Bita Bota.
—Partiu em via aérea para o Canadá a sr.^a D. Maria Teresa Paes Alves Cavadas esposa do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Joaquim Paulino Santana que se encontra naquele país.
—Cumprimentámos nesta redacção o sr. Manuel Lopes Cardoso, nosso prezado assinante na Cumeada—Salir.

Gente nova
Num quarto particular do Hospital de Loulé teve o seu bom sucesso no dia 1 do corrente dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Maria Paula Marques Fernandes, esposa do nosso prezado assinante sr. Manuel Marques Fernandes.

—O lar do nosso prezado amigo sr. Francisco da Silva Barreiros, sócio da firma Electro-Rádio Louletana, desta vila, e de sua esposa sr.^a D. Maria Solange de Azevedo Barracha, foi enriquecido com a chegada do pequenino Francisco Joaquim de Azevedo Barreiros.

Os nossos parabéns aos pais e desejos de longa e feliz vida para os recém nascidos.

Falecimentos

Em casa de sua residência, no sítio da Fonte d'Apra, (Loulé) faleceu subitamente no pretérito dia 4 do corrente a sr.^a D. Maria de Sousa Madeira, de 33 anos de idade, viúva do sr. Manuel Guerreiro Agostinho, recentemente falecido.

A extinta, muito conhecida e estimada no nosso concelho, era mãe da nossa assinante menina Celisia Maria Madeira Agostinho.

A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

Rectificação

Na notícia do falecimento do sr. Cândido de Sousa Ramos, publicada no ultimo número do nosso jornal, demos como falecida a sr.^a D. Edmea Sousa Ramos, filha do extinto, em vez de sua irmã, sr.^a D. Didia Carrilho Ramos, falecida há alguns anos e cujo nome, por lapso não foi incluído.

Pedimos desculpa do engano involuntariamente cometido.

Promoção

Pela ultima Ordem do Exército, foi promovido ao posto de Alferes e colocado na 1.^a Direcção Geral do Ministério do Exército em Lisboa o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. António José Pedro de Brito. Os nossos parabéns.

José Júlio Cidreira

Faleceu em Lisboa no passado dia 7 do corrente o sr. José Júlio Cidreira, Inspector Geral de Finanças aposentado que durante algum tempo e em agitado período da vida política local, foi chefe da Secção de Finanças deste concelho e onde pela integridade do seu carácter, excelentes dotes morais e profunda proficiência profissional grangeou amizades entre gregos e troianos.

Tais qualidades recomendaram-no para exercício de altas funções e assim ascendeu aos mais altos postos, dentro da sua hierarquia, tendo sido Director de Finanças e, mais tarde, Inspector Geral.

A família enlutada apresentamos os nossos pêsames.

Manuais de Portugal

EM visita de propaganda e expansão da sua já ampla e benemerente acção, estiveram há dias em Loulé alguns dirigentes do Grupo Onomástico «Manuais de Portugal» que tiveram a gentileza de vir à nossa redacção apresentar cumprimentos.

Eram componentes do Grupo os srs. Manuel Leandro Migueis (presidente substituto); Manuel José da Silva, (tesoureiro); Manuel Homem de Melo Carvalho (1.^o Secretário); e Manuel Ferreira (sócio honorário), e disseram-nos quanto lhes tinha sido particularmente agradável esta primeira visita ao Algarve, de onde levavam as mais gratas impressões e cujo clima e paisagem os deixara encantados.

Fazemos votos porque tenha sido frutuosa a sua viagem, pois que, a acção cultural e benemerente desenvolvida durante 11 anos da sua existência, bem merece o apoio de todos os Manuais de Portugal, dos quais já estão associados cerca de 4.000, nesta agremiação que tem a sua sede na Rua Damasceno Monteiro, 85-1.^a — Lisboa.

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE!
«A Voz de Loulé»

Dr. Manuel Rocheta

Com a elevação da representação de Portugal em Bona à categoria de embaixada, foi promovido a embaixador do nosso País junto do Governo da Alemanha Federal o nosso ilustre conterrâneo, prezado assinante e querido amigo, sr. Dr. Manuel Farrajota Rocheta, que assim atingiu o mais elevado grau da sua brilhantíssima carreira diplomática.

Essa promoção não foi devida à alteração da categoria do posto, pois a escolha do então Ministro Dr. Manuel Rocheta já fora feita quando aquela alteração era prevista e por isso o resultado dos méritos próprios do ilustre louletano.

«A Voz de Loulé» exprime ao sr. Dr. Manuel Rocheta o seu contentamento e apresenta-lhe sinceros cumprimentos de felicitações.

AINDA

o problema da educação

PUBLICOU este jornal, no número de 1 de Dezembro, um artigo de A. Santa Clara, sobre o problema da Educação.

Também nós o consideramos problema momentoso que parece assumir tal gravidade que a ele se referiu, com alguma apreensão, o Sr. Ministro da Educação Nacional, no discurso proferido no acto de entrega das insígnias da Ordem de Instrução Pública às dirigentes da Obra das Mães.

Discordamos, porém, de alguns pontos de vista de A. Santa Clara e começando por responder às perguntas da última parte do seu artigo examinaremos o problema no seu aspecto geral e sob o ponto de vista especial em que o ilustre articulista o põe.

Fá-lo-emos no próximo número.

Se aprecia

«A VOZ DE LOULÉ»
recomende-a aos seus amigos

DESPEDIDA

Não me tendo sido possível apresentar as minhas despedidas às pessoas das minhas relações e amizade, venho por este meio agradecer, profundamente reconhecido, todas as atenções recebidas, e oferecer os meus modestos préstimos, na segunda Conservatória do Registo Civil em Lisboa.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1956

Maurício Serafim Monteiro

O 20.^o Aniversário da Legião Portuguesa

NO passado dia 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal e tornada como sobrenatural protectora da Legião Portuguesa, celebrou este patriótico organismo a sua festa, comemorativa este ano do 20.^o aniversário da sua criação e, como em todo o País, também o núcleo desta vila o fez devidamente.

No quartel, engalanado festivamente, compareceram os oficiais de milícia e os legionários do núcleo para ouvirem em comum a palavra sempre expressiva e orientadora do Sr. Presidente do Conselho, como chefe verdadeiro e ímpar da Revolução Nacional, e aí, enquanto a E. N. não iniciou a transmissão da Sessão do Palácio dos Desportos, o comandante do terço, sr. Dr. Aires de Lemos Tavares explicou, em breves considerações, o significado do dia.

Atentamento foram escutados os discursos radiotransmitidos e especialmente a alocução do Dr. Salazar que, para os legionários e para os portugueses foi uma palavra de Ordem e, para o Mundo desorientado, medroso e abílico perante a vaga do Suez e a bárbara ofensiva do Oriente, um sério e sensato aviso.

À tarde, na procissão de N.^a Senhora da Conceição uma força de legionários desarmados fez a guarda de honra ao andor.

NATAL

(Continuação da 1.^a página)

—se a fazer boa vontade e principalmente a glorificar Deus nas alturas e o mundo é esta tristeza que nos rodeia.

Confiemos em que, alguma vez, o Natal, de Cristo seja também um Natal para o Mundo Novo e aos nossos prezados leitores e amigos desejamos que o próximo lhes seja propício em felicidades, alegria e verdadeira paz.

Comemorações

DO 1.^o de Dezembro

EM comemoração da data histórica do 1.^o de Dezembro, a Ala de Loulé da M. P. levou a efeito várias cerimónias que foram caracterizadas pelo cunho patriótico com que decorreram.

Ao ícar da Bandeira os filiados formaram em frente da Casa da Mocidade e prestaram continência de honra.

Seguiu-se uma alocução proferida por um Dirigente da M. P. que explicou o verdadeiro significado daquele acto com que se festejava o «Dia da Mocidade» e da Independência de Portugal, após o que os filiados desfilarão pelas ruas da vila.

Em sessão solene, realizada na tarde procedeu-se à distribuição dos prémios de «melhores alunos» oferecidos pelos Serviços Centrais da Campanha Nacional de Educação de Adultos, constituídos por uma valiosa colecção de livros.

Foram contemplados os alunos de Instrução Primária: Gertrudes Maria Caleiras Mendes (Loulé); Etelvina Mendes Inácio (Almancil); Maria Lidia Cardoso Martins (Tôr); Joaquim Eduardo Rodrigues Vargas (Ameixial); Amâncio José Guerreiro Rodrigues (Quarteira).

O Delegado Escolar de Loulé, sr. Manuel José da Silva Guerreiro, proferiu uma pequena alocução para pôr em destaque a importância e o cuidado que estão merecendo da parte do Governo os problemas da instrução primária da criança portuguesa.

Seguidamente usou da palavra a professora sr.^a D. Maria Bento Martins, que se referiu elogiosamente à larga acção desenvolvida ultimamente pelas entidades responsáveis no sentido de proporcionar instrução primária a todas as crianças e combater o analfabetismo.

Os prémios eram acompanhados de uma carta-dedicatoria assinada pelo Ministro da Educação Nacional, Prof. Eng. Leite Pinto, da qual arquivamos a seguinte passagem:

«Pelo teu trabalho e pelo teu valor pessoal, pela forma como soubeste cumprir os teus deveres na Escola Primária, conquistando o direito ao prémio que hoje te é entregue».

As filarmónicas locais Artistas de Minerva e União Marçal Pacheco, percorreram as ruas da vila, tocando o Hino da Restauração.